

Marcos Moreira

volume 2

Tramas e teares sonoros

O diário da Banda Feminina de 1936



SÉRIE MESTRES MÚSICAIS DE ALAGOAS

CENTRO DE
MUSICOLOGIA DE
PENEDO

pimenta
cultural

Marcos Moreira

volume **2**

Tramas e teares sonoros

O diário da Banda Feminina de 1936



SÉRIE MESTRES MÚSICAIS DE ALAGOAS

CENTRO DE
MUSICOLOGIA DE
PENEDO

| São Paulo | 2021 |

pimenta
leiteiro

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2021 o autor.

Copyright da edição © 2021 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - CC BY-NC (CC BY-NC-ND). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural. O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Airton Carlos Batistela
Universidade Católica do Paraná, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Alexandre Antonio Timbane
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Alexandre Silva Santos Filho
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Aline Daiane Nunes Mascarenhas
Universidade Estadual da Bahia, Brasil

Aline Pires de Moraes
Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Carolina Machado Ferrari
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Andre Luiz Alvarenga de Souza
Emill Brunner World University, Estados Unidos

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Beatriz Braga Bezerra
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Bernadette Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Breno de Oliveira Ferreira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Carla Wanessa Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Daniel Nascimento e Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Danielle Aparecida Nascimento dos Santos
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Delton Aparecido Felipe
Universidade Estadual de Maringá, Brasil

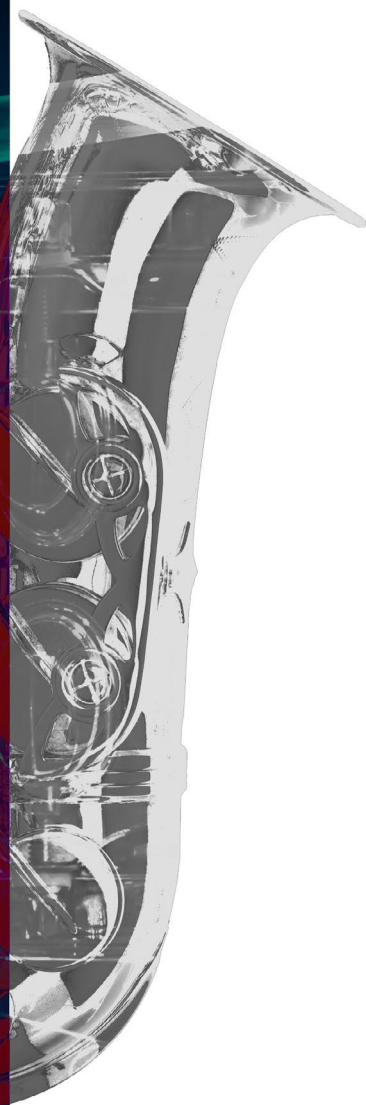
Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Doris Roncareli
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Emanuel Cesar Pires Assis
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil



Erika Viviane Costa Vieira
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Everly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fauston Negreiros
Universidade Federal do Ceará, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Barcellos Razuck
Universidade de Brasília, Brasil

Francisca de Assiz Carvalho
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Gabriela da Cunha Barbosa Saldanha
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Gabrielle da Silva Forster
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Guilherme do Val Toledo Prado
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Vitoriano
*Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
Anísio Teixeira, Brasil*

Helen de Oliveira Faria
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Heloisa Candello
IBM e University of Brighton, Inglaterra

Heloisa Juncklaus Preis Moraes
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Ismael Montero Fernández,
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Jeronimo Becker Flores
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

José Luís Giovanoni Fornos Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Josué Antunes de Macêdo
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Júlia Carolina da Costa Santos
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil

Juliana Tiburcio Silveira-Fossaluzza
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Karlla Christine Araújo Souza
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leandro Fabricio Campelo
Universidade de São Paulo, Brasil

Leonardo Jose Leite da Rocha Vaz
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lidia Oliveira
Universidade de Aveiro, Portugal

Luan Gomes dos Santos de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Luciano Carlos Mendes Freitas Filho
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Marceli Cherchiglia Aquino
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Marcia Raika Silva Lima
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Marcos Pereira dos Santos
Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Marcus Fernando da Silva Praxedes
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil

Margareth de Souza Freitas Thomopoulos
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Maria Angelica Penatti Pipitone
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

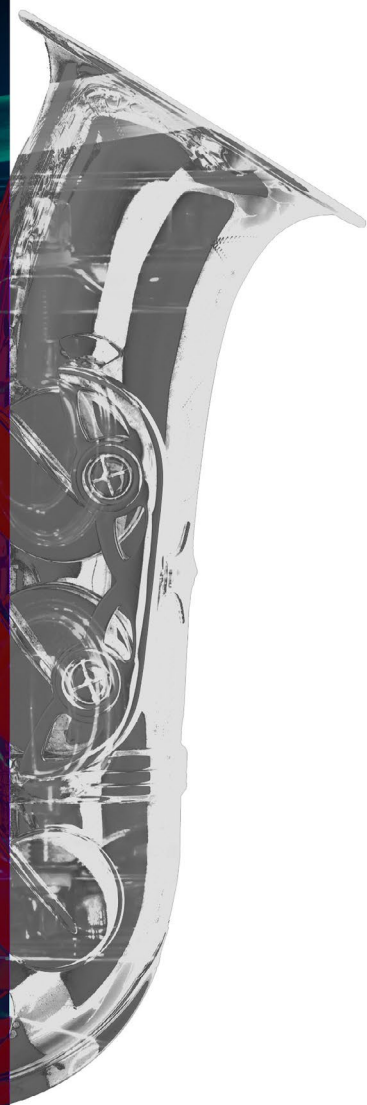
Maria Cristina Giorgi
*Centro Federal de Educação Tecnológica
Celso Suckow da Fonseca, Brasil*

Maria de Fátima Scaffo
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Maria Isabel Imbrônio
Universidade de São Paulo, Brasil

Maria Luzia da Silva Santana
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Sandra Montenegro Silva Leão
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil





Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Miguel Rodrigues Netto
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Helena dos Santos Carneiro
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Patricia Oliveira
Universidade de Aveiro, Portugal

Patricia Mara de Carvalho Costa Leite
Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil

Paulo Augusto Tamanini
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Priscilla Stuart da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Radamés Mesquita Rogério
Universidade Federal do Ceará, Brasil

Ramofly Bicalho Dos Santos
Universidade de Campinas, Brasil

Ramon Taniguchi Piretti Brandao
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Rarielle Rodrigues Lima
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Renatto Cesar Marcondes
Universidade de São Paulo, Brasil

Ricardo Luiz de Bittencourt
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Rita Oliveira
Universidade de Aveiro, Portugal

Robson Teles Gomes
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Taiza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcisio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Universidade de Brasília, Brasil

Thiago Guerreiro Bastos
Universidade Estácio de Sá e Centro Universitário Carioca, Brasil

Thyana Farias Galvão
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Valdir Lamim Guedes Junior
Universidade de São Paulo, Brasil

Valeska Maria Fortes de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Walter de Carvalho Braga Júnior
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Wagner Corsino Enedino
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wanderson Souza Rabello
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Washington Sales do Monte
Universidade Federal de Sergipe, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle - Canoas, Brasil

Adriana Flavia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alessandra Dale Giacomini Terra
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alessandro Pinto Ribeiro
Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Marques Marino
Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Brasil

Aline Patrícia Campos de Tolentino Lima
Centro Universitário Moura Lacerda, Brasil

Ana Emídia Sousa Rocha
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Ana Iara Silva Deus
Universidade de Passo Fundo, Brasil

Ana Julia Bonzanini Bernardi
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Ana Rosa Gonçalves De Paula Guimarães
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal de Paraíba, Brasil

André Luis Cardoso Tropiano
Universidade Nova de Lisboa, Portugal

André Ricardo Gan
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Andressa Antonio de Oliveira
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Anne Karynne da Silva Barbosa
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Antônia de Jesus Alves dos Santos
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Ariane Maria Peronio Maria Fortes
Universidade de Passo Fundo, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Bianca Gabriely Ferreira Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruna Donato Reche
Universidade Estadual de Londrina, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal de Paraíba, Brasil

Camila Amaral Pereira
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Carolina Fontana da Silva
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carolina Fragoço Gonçalves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Cecilia Machado Henriques
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Cintia Morales Camillo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

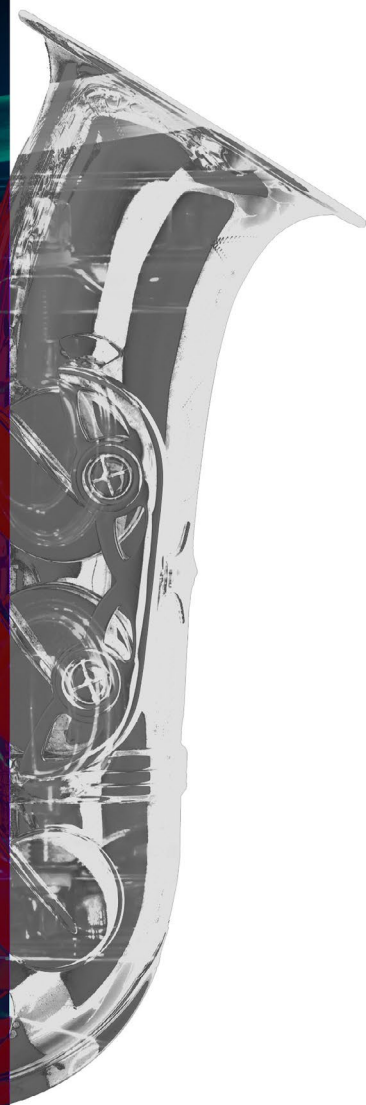
Claudia Dourado de Salces
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Cleonice de Fátima Martins
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Cristiano das Neves Vilela
Universidade Federal de Sergipe, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil



Daniella de Jesus Lima
Universidade Tiradentes, Brasil

Dayara Rosa Silva Vieira
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Dayse Rodrigues dos Santos
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Deborah Susane Sampaio Sousa Lima
Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Diogo Luiz Lima Augusto
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

Ederson Silveira
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Elaine Santana de Souza
*Universidade Estadual do Norte Fluminense
Darcy Ribeiro, Brasil*

Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Elias Theodoro Mateus
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabeth de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elizânia Sousa do Nascimento
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Emanuella Silveira Vasconcelos
Universidade Estadual de Roraima, Brasil

Érika Catarina de Melo Alves
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Everton Boff
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Fabiana Aparecida Vilaça
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Fabiano Antonio Melo
Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Fabricia Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Fabício Nascimento da Cruz
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fabício Tonetto Londero
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Francisco Geová Gouveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Francisco Isaac Dantas de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Francisco Jeimes de Oliveira Paiva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Gean Breda Queiros
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Germano Ehlert Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Glauco Martins da Silva Bandeira
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Handerson Leylton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Heliton Diego Lau
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Ivan Farias Barreto
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Jeanne Carla Oliveira de Melo
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

João Eudes Portela de Sousa
Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil

João Henriques de Sousa Junior
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

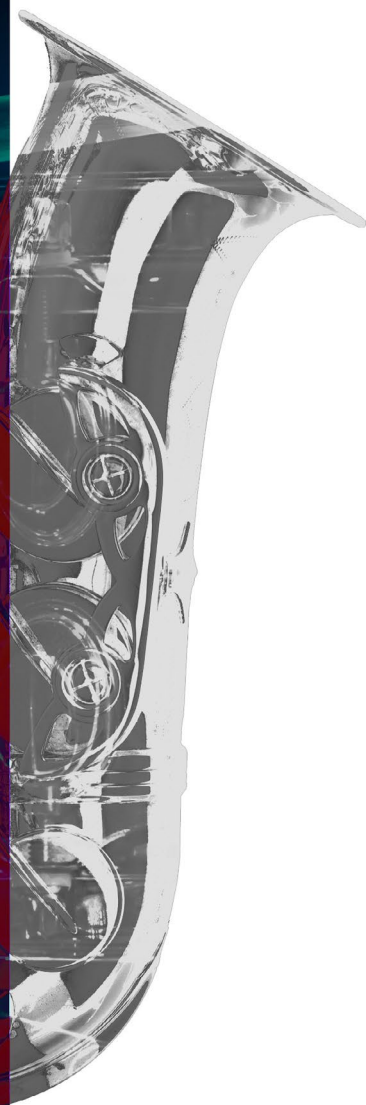
Juliana da Silva Paiva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Lais Braga Costa
Universidade de Cruz Alta, Brasil

Leia Mayer Eyng
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Manoel Augusto Polastrelli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil



Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Marcos dos Reis Batista
Universidade Federal do Pará, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Edith Maroca de Avelar Rivelli de Oliveira
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Maurício José de Souza Neto
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Miriam Leite Farias
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Natália de Borba Pugens
Universidade La Salle, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raick de Jesus Souza
Fundação Oswaldo Cruz, Brasil

Railson Pereira Souza
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Valdemar Valente Júnior
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Wallace da Silva Mello
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Wellton da Silva de Fátima
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

Wilder Kleber Fernandes de Santana
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.



Direção editorial	Patricia Biegging Raul Inácio Busarello
Diretor de sistemas	Marcelo Eyng
Editora executiva	Patricia Biegging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Laura Linck
Editoração eletrônica	Gabrielle Lopes Lucas Andrius de Oliveira Peter Valmorbida
Fotografia da capa	Formação inicial da Jazz Band Japy - Acervo Aracy Rodrigues
Imagens da capa	Doomu, Master1305 - Freepik.com.
Revisão	Arnaldo Paiva Filho
Autor	Marcos Moreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M838t Moreira, Marcos -
Tramas e teares sonoros: o diário da Banda Feminina de 1936.
Marcos Moreira. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. 94p..

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5939-206-3 (brochura)
978-65-5939-201-8 (eBook)

1. História. 2. Banda Feminina. 3. CAFT.
4. Música. 5. Nordeste. I. Moreira, Marcos. II. Título.

CDU: 940
CDD: 900

DOI: 10.31560/pimentacultural/2021.018

PIMENTA CULTURAL

São Paulo - SP

Telefone: +55 (11) 96766 2200

livro@pimentacultural.com

www.pimentacultural.com



2 0 2 1

SUMÁRIO

Sobre o selo CEMUPE - Centro de Musicologia de Penedo.....	14
Prefácio	
Assim se concretiza um sonho	17
Capítulo 1	
Textos introdutórios	20
O processo construtivo do lugar: Gratidão	21
Concisas reflexões prosopográficas: Memória e o coletivo.....	26
Capítulo 2	
O Nosso jornal e os textos das musicistas	
Editorias de outros Jornais publicados no Periódico Nosso jornal.....	34
38 Meninas e um maestro • Diário da Baía de 12-11-41 • (<i>editorial</i>)	35
Um maestro • São Paulo, 12-11-41 • Quando da ida ao Rio de Janeiro (<i>Editorial especial para o Nosso Jornal</i>) Valdimir Cabral de Araújo.....	36
Original e empolgante • Diário da Baía de 27-11-41 •	37

Mensagem aos alagoanos

- Gazeta de Alagoas de 19-12-41 •

Amélia Carvalho

(Secretaria de Educação e das letras e das artes da Baía) 39

A propósito

- Crítico Pernambucano Dr. W de Oliveira •

(*Do Jornal do Comércio de Recife de 23-11-41*).....43

Cartas as meninas de alagoas

- Amélia Carvalho •

(*Do Jornal ATARDE de 29-11-41*)45

A “destemida de Alagoas”

(Dedicada Banda Feminina)

- Dyalir D. Ribeiro •

(*Do Jornal Atarde de 13-12-41*).....50

As garotas da banda feminina

no lago do parque dois irmãos, em Recife

(*Editorial Nosso Jornal de 15-09-42*).....51

Capítulo 3

Notas das musicistas 53

Nosso Jornal. Edição de dezembro de 1941.

Um dia feliz

- Lourionete Delfino •54

Nosso Jornal. Edição de dezembro de 1941.

A minha história

- Maria Ribeiro •55

Nosso Jornal. Edição de dezembro de 1941.

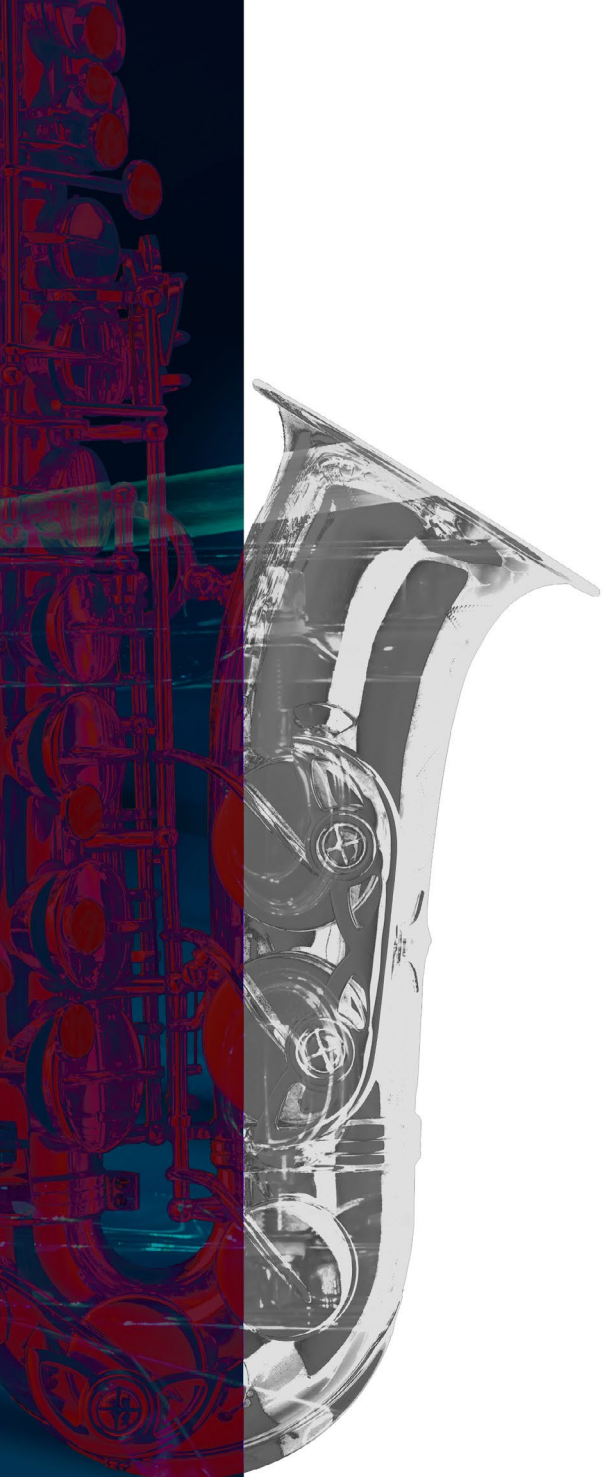
Um concerto

- Jacira Inocência •56

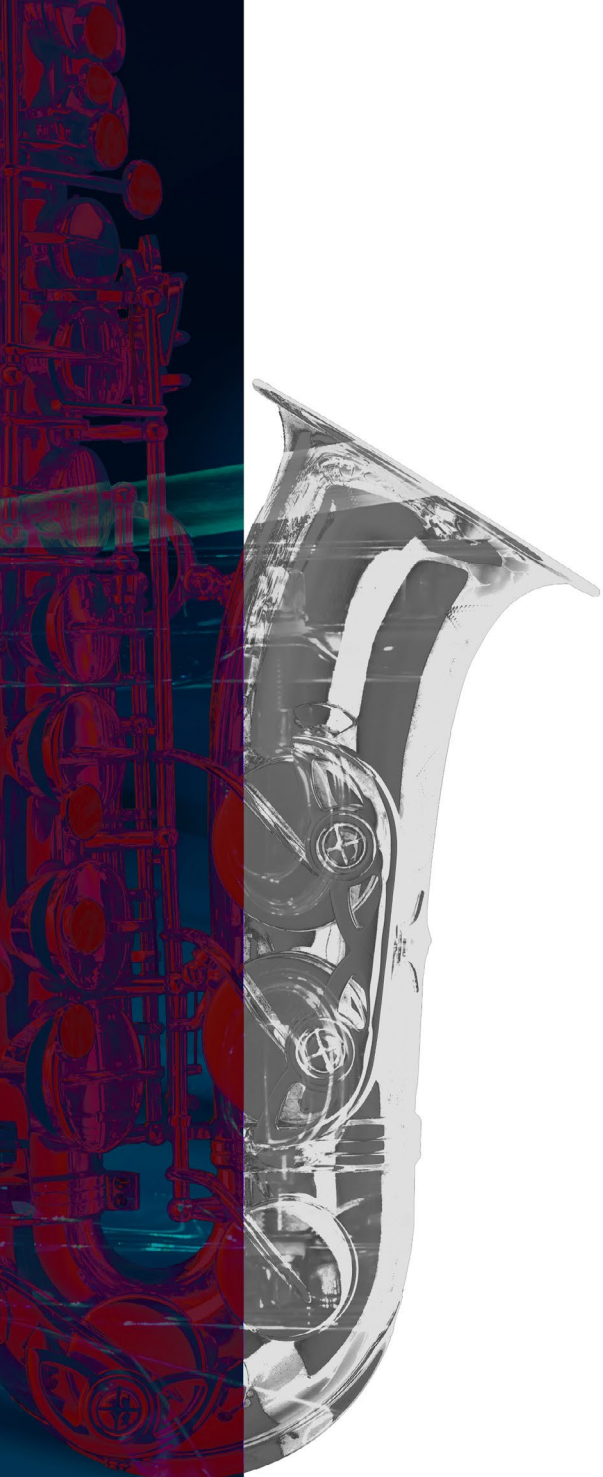
Nosso Jornal. Edição de dezembro de 1941.

Um desfile

- Genura Silveira •57



<i>Nosso Jornal</i> . Edição de Dezembro de 1941.	
Na casa Do Sr. Almiro	
• Minervina França •	58
<i>Nosso Jornal</i> . Edição de Dezembro de 1941.	
Meu último passeio	
• Hilda Lopes •	59
<i>Nosso Jornal</i> . Edição de dezembro de 1941.	
Um dormitório improvisado	
• Cléa Fragoso •	60
<i>Nosso Jornal</i> . Edição de dezembro de 1941.	
Uma retreta na fábrica boa viagem	
• Lourdes Luz •	61
<i>Nosso Jornal</i> . Edição de dezembro de 1941.	
No asilo da mendicidade	
• Zilda Japiassú •	62
<i>Nosso Jornal</i> . Edição de dezembro de 1941.	
Um passeio feliz	
• Aliete Rodrigues •	64
<i>Nosso Jornal</i> . Edição de dezembro de 1941.	
Na escola normal da baía	
• Hilda Ribeiro •	66
<i>Nosso Jornal</i> . Edição de dezembro de 1941.	
Na brigada militar (<i>em Recife</i>).....	67
• Maria José França •	67
<i>Nosso Jornal</i> . Edição de dezembro de 1941.	
Uma inesquecível excursão	
• Maria Sátiro •	68
<i>Nosso Jornal</i> . Edição de dezembro de 1941.	
Um passeio	
• Maria Lucas •	69
<i>Nosso Jornal</i> . Edição de 15 de Setembro de 1942.	
Saudades da baía	
• Alice Correia •	70



Nosso Jornal. Edição de 15 de Setembro de 1942

Penedo

- Maria Soares •71

Nosso Jornal. Edição de 15 de setembro de 1942.

(Em comemoração ao aniversário de Gustavo Paiva)

A música

- Antônia Oliveira •72

Nosso Jornal. Edição de 15 de setembro de 1942.

(Em comemoração ao aniversário de Gustavo Paiva)

Minha história

- Magali Fonseca •73

Nosso Jornal. Edição de 15 de setembro de 1942.

(Em comemoração ao aniversário de Gustavo Paiva)

Visita de sábado

- Minervina França •74

Nosso Jornal. Edição de dezembro de 1943.

(sobre a morte de Gustavo Paiva)

As minhas colegas da banda

- Eunice Correia •75

Nosso Jornal. Edição de dezembro de 1945.....77

A música é tudo

- de Hilda Lopes •77

Nosso Jornal. Edição de dezembro de 1945.

Um passado

- de Edite Soares •78

Capítulo 4

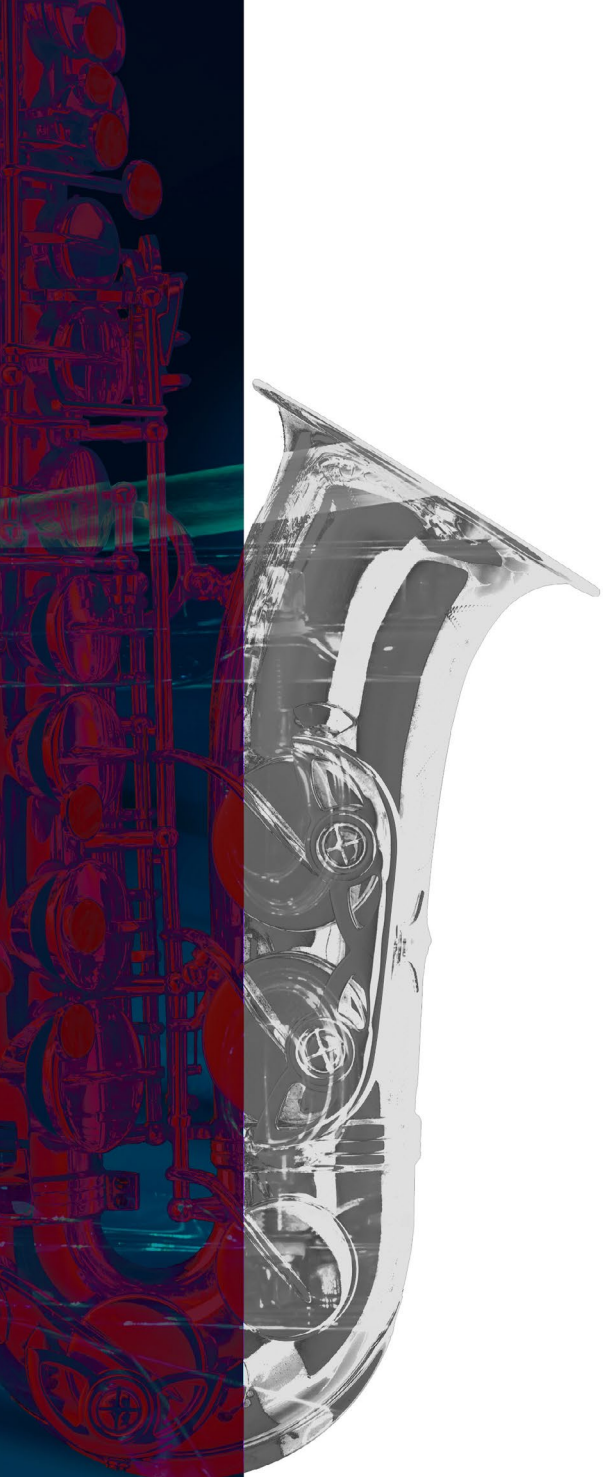
Notas do Maestro Aquino Costa Japiassu 80

Nosso Jornal. Edição de dezembro de 1941.

O que observei

Na excursão a Recife e Baía

- Aquino Japiassú •81



Nosso Jornal. Edição de 15 de setembro de 1942
(Em comemoração ao aniversário de Gustavo Paiva)

FATOS E NÃO PALAVRAS

- Aquino Japiassú •83

Nosso Jornal. Edição de dezembro de 1947.

INGRATIDÃO

As componentes da Banda Feminina

- de Aquino Japiassú •84

Epílogo

- Leitura do *Nosso Jornal*: Notas
de uma pesquisa conjunta 86

- Sobre o autor 90

- Referências 91

- Documentos avulsos 93

- Índice remissivo 94



SOBRE O SELO CEMUPE – CENTRO DE MUSICOLOGIA DE PENEDO

O selo CEMUPE Centro de Musicologia de Penedo, vinculado a Universidade Federal de Alagoas, em parceria com a Prefeitura Municipal de Penedo e a Editora PIMENTA CULTURAL, traz a continuação da série *Mestres Musicais de Alagoas*. Apesar do título relacionado a Alagoas, pretendemos ampliar os volumes da série oferecendo publicações em níveis nacional e internacional sobre o tema banda e seus desdobramentos, oriundos das pesquisas realizadas pelo CEMUPE e seus atuais parceiros. Atualmente o CEMUPE tem alinhado seus estudos com o Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares, vinculado ao instituto Piaget de Viseu-Portugal e o LAMUS-Laboratório de Musicologia, vinculado a USP- Universidade de São Paulo, também conecta com outros grupos da Universidade Federal de Alagoas, a exemplo do Grupo de Pesquisa História, Memória e Documentação da Música.

As linhas de pesquisa envolvem Educação Musical, Musicologia, Composição e Análise. Tem como meta, produzir livros, ensaios, artigos e transcrições de caráter inédito ou pouco divulgado no meio musical, seja ele acadêmico ou não e biografias autorizadas de compositores. Tais produções, oriundas deste grupo, são debatidas nos fóruns na anual programação da JPMB- Festival Internacional de Música de Penedo, evento vinculado ao CEMUPE.

Esperamos que o selo, com suas séries e publicações decorrentes, possa contribuir com a valorização do movimento bandístico brasileiro e mundial e a permanência da efetivação corroborativa deste grupo ao patrimônio imaterial brasileiro que são as Bandas de Música.

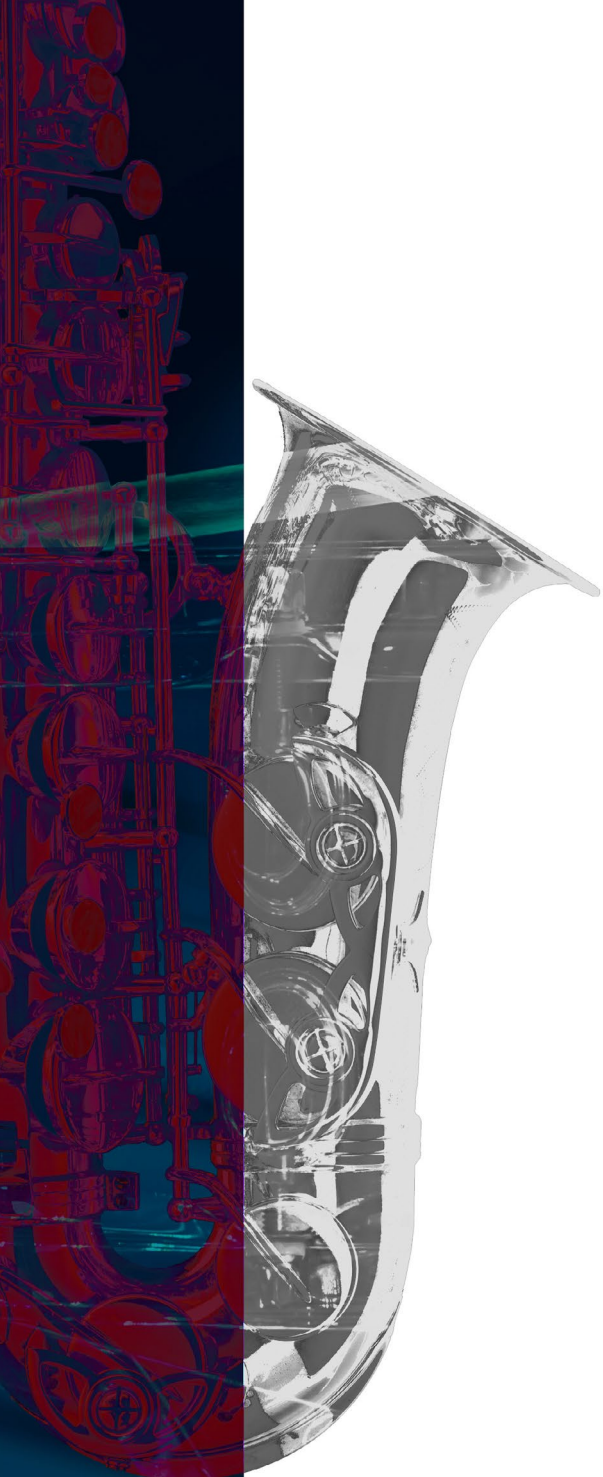
Marcos dos Santos Moreira

Diretor do CEMUPE
Centro de Musicologia de Penedo Alagoas

Banda feminina no Clube Fênix em Maceió no ano de 1945.



Fonte: Rio Largo Cidade Operária Paiva, Filho (2013).

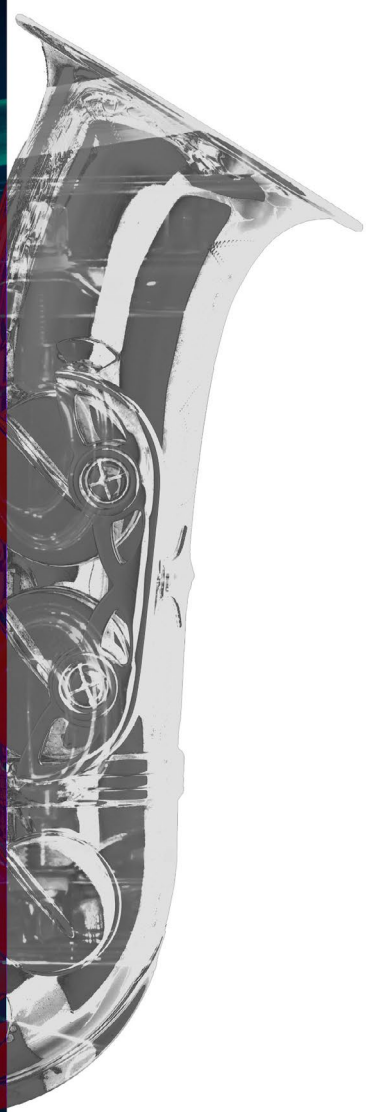


**“Essa banda viverá por força de sua razão
e da tempera magnífica de seu conjunto”**

Amélia Carvalho
Secretaria de Educação e das letras e das artes da Baía
Editorial de ATARDE, Bahia, 1941.

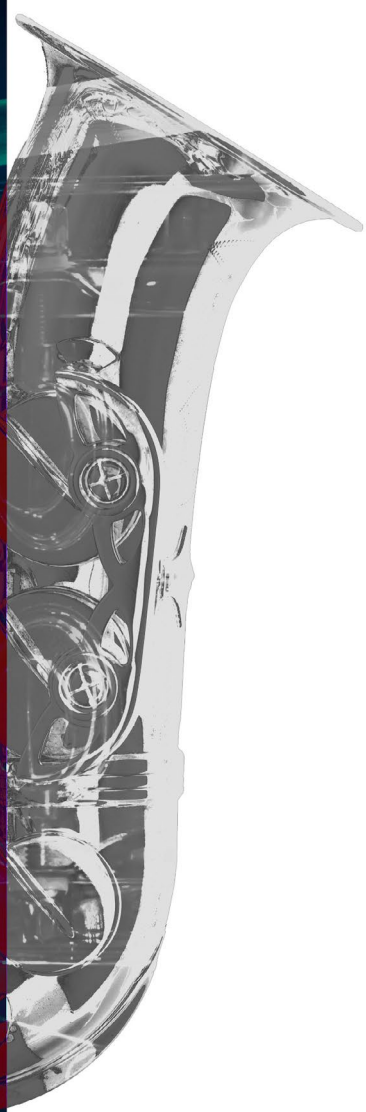
PREFÁCIO

ASSIM SE CONCRETIZA UM SONHO



Toda a vez que me deparo com a história da Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos - CAFT, indago a motivação que levou os seus dirigentes a destinar especial atenção ao bem-estar físico, mental e intelectual de seus operários, em rota diametralmente diversa da prática utilizada pelos capitães da indústria na primeira metade do século passado. A relação operariado versus patronato encontrou em Rio Largo, município de Alagoas, pequeno estado do Nordeste brasileiro, um *modus operandi* significativamente inovador, aplicado por um industrial, de formação europeia, que entendia ser a valorização dos seus empregados a única maneira justa de obtenção de lucros por uma empresa. Sem dúvida foi o espírito empreendedor e humanista de Gustavo Paiva, um visionário a frente de seu tempo, que possibilitou as ações progressistas e inovadoras relatadas neste livro e que dizem respeito à banda de música feminina e ao conjunto orfeônico das fábricas têxteis Cachoeira e Progresso Alagoano, ambas da CAFT.

A ligação de Gustavo Paiva com a música remonta a sua infância em Portugal, especialmente inculcida nele por sua irmã primogênita Maria Adelaide, preñada nas artes, especialmente harpa, órgão, canto e música erudita, e fundadora do rancho folclórico de Barqueiros. Essa ligação foi alimentada posteriormente por sua esposa Judith Basto, apreciadora das artes e da música. Levado intuitivamente pela paixão que a música despertava em sua vida, Gustavo Paiva, após escutar uma apresentação na Bahia de um conjunto de jazz da firma Almiro Fernandes & Cia, tratou de criar, de forma inédita, no ano de 1936, uma banda de jazz



feminina e um conjunto orfeônico, ambos constituídos pelas alunas das escolas das suas fábricas, entregando ao maestro da banda masculina da CAFT, Aquino Costa Japiassu, também fundada por ele em 1926, a responsabilidade de iniciar essas meninas, com idade entre doze e dezesseis anos, na arte musical. Aquelas garotas, que se destacavam nas escolas das fábricas por suas notas na disciplina de música, eram recrutadas para integrar os referidos conjuntos, sendo-lhes oferecido como recompensa emprego imediato na empresa com uma gratificação semanal. Filhas de operários, elas passaram a ser tratadas com muito zelo e carinho por Gustavo Paiva, proporcionando, em contrapartida, principalmente após a sua viuvez precoce, o entusiasmo necessário para que pudesse levar adiante os seus trabalhos.

Dizia ser a banda feminina “a menina de seus olhos”. Que essa banda era o fruto de sua orientação social, a demonstração de que a massa humana do operário alagoano é de boa fibra e inteligente - apta, portanto, a vencer na vida! Que provava o valor intelectual do nordestino e dava ao mundo o testemunho do valor, da ordem, da dedicação e da disciplina e que as ressonâncias dos acordes de seus instrumentos é que ditavam ritmo ao seu coração.

Os relatos publicados no livro deixam claro o respeito e a admiração mútua existente entre as integrantes da banda e o comendador patrão, visto por elas como um segundo pai e protetor. De fato, foi a sintonia de propósitos existente entre Gustavo Paiva, o idealizador da banda, o professor maestro Japiassu e suas alunas aprendizes, que asseguraram o sucesso dessas meninas musicistas em todas as suas apresentações em diversos rincões do Brasil, que compreendem o período de 1938 a 1954 e que culminaram com as espetaculares apresentações em Recife, Curitiba, Rio de Janeiro e em São Paulo por ocasião das comemorações dos quatrocentos anos daquela cidade.

Integrar a banda feminina da Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos passou a ser o ideal de grande parte da vida das as

jovens meninas de Rio Largo, todas elas filhas de operários, um verdadeiro casamento que lhes possibilitaram o acesso à cultura, reconhecimento e estabilidade financeira. Saindo da banda por vontade própria ou forçosamente ao contraírem matrimônio, tiveram o futuro garantido com um emprego na empresa e o imorredouro respeito da comunidade a que pertenciam.

Os textos transcritos do Nosso Jornal representam um recorte importante desse momento especial vivido por aquelas jovens musicistas numa época em que os espaços ocupados pelas mulheres ainda eram bastante limitados. As experiências de vida oportunizadas às integrantes da banda feminina em suas viagens estão compiladas neste livro diário, mediante relatos singelos e verdadeiros de suas integrantes ou através dos escritos do maestro Aquino Japiassu durante as excursões empreendidas sob o patrocínio da Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos e representam documento relevante para os estudiosos no assunto.

É um livro a ser relido e preservado na estante, pois é um testemunho de que nenhum sonho é impossível e a felicidade da vida humana está em repartir esses sonhos com as gerações futuras. Creio estar respondida a minha indagação sobre os motivos que levaram os dirigentes de uma determinada indústria nordestina a investir de forma pioneira numa banda de música formada pelas jovens filhas de seus operários.

Arnaldo Paiva Filho
Jurista, Escritor e membro da
Academia Alagoana de Letras



1

**TEXTOS
INTRODUTÓRIOS**

O PROCESSO CONSTRUTIVO DO LUGAR: GRATIDÃO

Quando nos debruçamos em um sonho ele é um conjunto de fatores convergentes. São processos de imagens projetadas por nós mesmos, identidades daquilo que se almeja e se quer como íntimo em uma meta, objetivos cogitados em hipóteses que materializam e principalmente a “mola mestra” da força de vontade.

Iniciei a minha efetiva carreira docente universitária em 2008 com muitas ideias e escavando aquilo que era possível literalmente “espremer” sobre as vantagens institucionais que a Universidade de Alagoas poderia me oferecer.

Assim sucessivamente vieram os projetos MAPT- Ensino de piano em grupo; o Grupo de Pesquisa *Metodologia e Concepção Social do Ensino Coletivo Instrumental*, os projetos PIBID e PIBIC¹, as Jornadas Pedagógicas para Músicos de Banda (JPMB) e a Revista MUSIFAL que é considerada a segunda revista eletrônica fundada na instituição. Por último as recentes edições da *JPMB Festival internacional de Música de Penedo* (substituindo ou dando continuidade a Jornada Pedagógica), que reúne professores, alunos e artistas em resultado das ações destes meus projetos relatados acima, incluindo o Programa de rádio on line JPMB no ar levando pelas plataformas *You Tube* e *radio Ufal web* notícias acadêmicas de música e obras instrumentais em sua programação.

Deste “caldo” científico, refiz todo o projeto e simplifiquei para um escopo único de ações inseridas no Grupo de Pesquisa denominado *CEMUPE- Centro de Musicologia de Penedo*, em sua versão virtual-registrada na plataforma do CNPq e em tramitação do seu espaço físico em parceria com a Prefeitura da cidade de Penedo, Alagoas desde 2019.

1 Programas de Pesquisa e ensino, propostos e realizados através de editais CAPES via UFAL.

Mas um pouco antes, tenho que lembrar que este livro é uma síntese de “caminhos”. Caminho este individual, mas de certo estendido ao coletivo que se consolidam em tais aspirações citadas.

Após as minhas incursões pelo interior do nordeste brasileiro e norte de Portugal - em aproximadamente 120 cidades - finalizamos o livro, decorrente de tese de doutorado, denominado MULHERES EM BANDAS DE MÚSICA. Tal tema fez-me chegar anos depois ao recorte mais direto da história da Banda *Gustavo Paiva*, filarmônica feminina fundada em 1936, pelo Industrial Gustavo Paiva dono da Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos, da cidade de Rio Largo, anteriormente citado na minha tese em pequeno tópico.

Para mim, eu precisava escrever mais sobre esta saga feminina e filarmônica...!

Contando com a ajuda dos integrantes do meu grupo de pesquisa e colaboradores, focamos sobre a obra do maestro desta banda, o Professor operário, pernambucano, mas radicado em Alagoas, Aquino Costa Japiassu (1899-1979).

Fundamental para que isto se realizasse, faz-se necessário agradecer a gentileza dos familiares do maestro, em particular as filhas Advany Japiassu, Zuleide Japiassu; bem como as netas de Japiassu, Fernanda Japiassu (provavelmente a maior incentivadora desta pesquisa), Maria Japiassu Cavalcanti (que fora uma das autoras no primeiro volume) e a sua sobrinha Viviane Japiassú pelo importante documento de Eunice Correia Japiassu (sua avó materna).

Em especial a gratidão a Tania Japiassu que nos forneceu uma importante fonte para este segundo volume². Em visita a sua residência, Tania Japiassu me presenteou com 467 páginas digitalizadas do

2 O primeiro volume denominado de *Japiassu: O maestro dos Teares* foi publicado em 2018 com os autores; Marcos Moreira (Organizador), Arnaldo Paiva Filho, Ana Greyce Moraes Pereira, Wilbert Yvan Fialho e Maria Japiassu Cavalcanti.

conservadíssimo material impresso do *Nosso Jornal* (NJ), periódico desta Companhia em Rio Largo. Um primoroso arquivo realizado por décadas pela sua saudosa mãe, musicista desta banda, **Hilda Lopes**, que fora casada com José Costa Japiassu um dos filhos do maestro. A confiança depositada no meu trabalho por Tania Japiassu e Darlan Almeida, seu esposo, resulta e se concretiza neste segundo volume com as transcrições de várias notas em formato de diário.

O fato é que muitas dessas musicistas operárias contaram nestes periódicos do *NJ*, em um tom de quase uma “ode ao patrão”, suas viagens em várias cidades brasileiras; dentre elas foram citadas capitais como Maceió, Salvador, Recife e Rio de Janeiro e municípios interioranos como Penedo em Alagoas e Propriá em Sergipe, muitos percorridos nas décadas de 1940. Incluímos de forma original aos documentos - escritos, tempos verbais, ou sejam, as normas da língua portuguesa vigente da época - os depoimentos de grandes jornais contemporâneos ao *NJ*, testemunhas impressas destas aventuras musicais destes grupos.

Este texto insere as notas escritas pelas musicistas, pelo Maestro Japiassu e circunstantes jornalistas e colaboradores da imprensa, que foram publicadas no *NJ* entre os anos de 1941 e 1947. Este Diário poderia até ser chamado de “Diário de Hilda Lopes” devido a estes recortes guardados. Todo o processo de transcrição nos rendeu meses de labor devido ao formato do arquivo em JPG, sendo cada texto reescrito passo a passo.

Em particular, este diário se entrelaça com a minha própria história de vida, pois nasci e me criei na cidade baixa soteropolitana entre os anos 70 a 90 do século XX, onde as imagens da fábrica da Boa Viagem, Igreja do Bonfim, Monte Serrat, e por outros lugares desta Baía, ainda com “f”, relatadas nestas lembranças das musicistas, trazem para este autor significados pessoais de caráter muito relevante.

Assim, quero ressaltar a participação fundamental do jurista e escritor Dr. Arnaldo Paiva Filho, neto do Industrial Gustavo Paiva, que prefaciou esta obra e nos conduziu com seus contatos à história da sua própria família, pelos caminhos possíveis desta pesquisa sobre este grupo quase centenário.

Também destacar a participação da Prof.^a Ana Greyce Moraes Pereira, na construção do epílogo e das transcrições realizadas conjuntamente, que relatam os objetivos desta pesquisa e que acompanhou todo o processo desta coleta em várias idas in loco não só nas entrevistas realizadas junto a este pesquisador. Tal coleta foi compartilhada para a sua pesquisa de Mestrado *Trabalho e experiências femininas na CAFT: uma perspectiva de gênero Rio Largo Alagoas (1940-1960)* defendida com indicação de publicação no Programa de Pós-graduação em História-PPGH/UFAL.

Outras personalidades neste contexto são os senhores Marcius Beltrão Siqueira e Ronaldo Lopes, que como gestores do município de Penedo - Alagoas, não mediram esforços com sua equipe-em destaque a Secretaria de Cultura-, para o financiamento para as publicações do CEMUPE entre 2010 e 2020, independente da editora escolhida. A eles a nossa gratidão.

Por fim quero destacar que neste livro não há nenhuma pretensão de analisar os contextos dos fatos históricos narrados por elas, no sentido científico de algum episódio sócio-político citado pelas fontes descritas aqui. São apenas transcrições dos textos publicados no periódico e nada mais. Um caráter bucólico e recordativo, pois considero esta banda feminina e o grupo orfeônico um dos patrimônios do contexto da história da mulher nordestina, dos operários fabris do país e de grupos musicais femininos brasileiros formados pelas alagoanas de Rio Largo-Alagoas.

Rio Largo em Alagoas era o mundo destas musicistas! E elas reportam isto nas notas transcritas!!

Portanto com muita ternura e tentando alcançar meu pensamento a outras esferas espirituais que possam existir neste cosmos, os meus sinceros e saudosos agradecimentos *in memoriam* a Gustavo Paiva e Aquino Costa Japiassu, além de suas meninas musicistas que colaboraram no periódico *Nosso Jornal* e que iremos aos poucos destrinçar neste e em volumes futuros. Dentre elas: Lourinete Delfino, Maria Ribeiro, Sebastiana Silva, Genura Silveira, Jacira Inocencio, Angelita Alves, Edite Soares, Edite Costa Japiassú, Lourdes Luz, Aliete Rodrigues, Hilda Ribeiro, Iolanda Rebelo, Luzinete Vieira, Maria José França, Marina Lucas, Cléa Fragoso, Zilda Japiassú, Antônia Oliveira, Desdete Avelino, Gersina Brandão, Alice Correia, Maria Soares, Eunice Correia Soares, Antônia Lopes, Luzelina Delfino, Arlinda Cerqueira, Minervina França, Lourdes Alves, Magali Fonseca, Maria da Graça, Gercina Brandão, Gizelia Corado, Jacira Casado, Eletice Azevedo, Maria Gomes e Sebastiana Silva.

Desta forma concluímos mais uma etapa da série MESTRES MUSICAIS DE ALAGOAS, na certeza de uma profícua continuidade da pesquisa científica nas áreas das Ciências Humanas e da Música desenvolvida por mim e minha equipe CEMUPE na Universidade Federal de Alagoas.

CONCISAS REFLEXÕES PROSOPOGRÁFICAS: MEMÓRIA E O COLETIVO

Sem a pretensão de analisar as Ciências Sociais, Filosofia e a História, “navegando” nas idéias da New Musicology³, anteriormente citadas em um dos meus artigos, publicado recentemente na esta ORFEU-EDUSC; JPMB: Qualificação da performance no contexto da educação musical comunitária em cidades interioranas de Alagoas em 2020, tal texto analisa sobre a busca social da musicologia em outras áreas Humanas. Neste caso, mesmo de forma introdutória afirmamos:

Tal pensamento fez com que nos aproximássemos de alguns conceitos referentes à New Musicology no contexto das análises concomitantes aos pares nas ciências humanas deste enfoque comunitário e corroborando no estudo musicológico possível, inserido no diálogo da educação, história e sociologia, por exemplo. (MOREIRA, 2020)

Com o objetivo de pensarmos aqui possibilidades de encontrar caminhos que nos levem a refletir a música como fenômeno social, por meio dos resignificados da memória, a partir dos registros históricos do *Nosso Jornal* transcritos nos capítulos seguintes, realizar uma breve discussão introdutória aplicada a perspectiva analítica da Prosopografia, como ferramenta metodológica. Monteiro, já alertava sobre o desafio deste entendimento.

Nas Ciências Sociais a prosopografia não é vista apenas como um instrumento de pesquisa, mas como um método associado a um construto teórico de apreensão do mundo social. A análise de biografias coletivas adquiriu status científico nas últimas décadas por meio das investigações empreendidas por Pierre Bourdieu, dentre outros, sobre os grupos dirigentes em distintas esferas de atuação social na França. Portanto,

3 Na dissertação de Tramontina (2011) cita autores como David Beard e Keneth Gloag que aborda a estrutura das discussões musicológicas utilizando disciplinas fora da musicologia nas áreas humanas e ciências sociais.

a prosopografia está imbricada, como método, na teoria dos campos sociais de Pierre Bourdieu. (MONTEIRO, 2014. Pg. 10)

Sendo para muitos pesquisadores uma abordagem interdisciplinar, na história analítica, contextualizam-se algumas definições que separam o campo desta própria História, talvez como método ou refletindo como afirma Nora (1993) no artigo *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*, onde a memória relaciona a própria vida em contínua evolução que se permeia em suas funções como *aberta à dialética da lembrança e do esquecimento.... susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações*. Não saberíamos se tais textos transcritos, escritos logo após os fatos, se tais relatos hoje seriam fidedignos lembrados pelos agentes envolvidos. É questão?!

Inserir a mulher operária e sua significativa importância no conjunto da coletividade trabalhadora é um passo fundamental para quem pretende ratificar a construção de uma história que valorize e dê visibilidade à efetiva participação da mulher na construção da classe trabalhadora operária no Brasil. Porém, ao buscar as suas particularidades dentro de uma macroestrutura, é imprescindível recorrer aos conceitos de Memória e História que buscam na compreensão de algumas inquietações, dissertar sobre o cotidiano e identidade das mulheres nas fábricas como forma de ampliar a sua história.

Rodrigues (2012) no terceiro capítulo de sua obra: *Diálogos entre História e Memória: a construção de um campo interdisciplinar de estudos* traz uma abordagem sobre os conceitos do que é memória através da ótica de autores como Maurice Halbwachs e Pierre Nora que em suas obras propõem a dialogar sobre o papel da história e de sua relação com a memória e do que elas representam como um desafio para o historiador que pretende utilizar a memória como ferramenta de sua pesquisa. Assim ele nos diz:

Falar de memória nos remete a algo maior que um subcampo da história. Trata-se de um aspecto móvel da sociedade,

individual e coletivo, que em suas crises e transformações desafia o historiador, mas não apenas a ele. Filósofos, literários, psicólogos, sociólogos e antropólogos também se aventuram por este campo interdisciplinar (RODRIGUES, 2012, p.48)

Essa nova concepção sobre memória na contemporaneidade abriu uma nova possibilidade de se investigar a partir de fontes que expressam a memória coletiva como aborda Le Goff; *...lugares monumentais como cemitérios, arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações...ou associações: estes têm sua história*. Ainda ressalva que:

[...] não podemos esquecer os verdadeiros lugares da história, aqueles onde se devem procurar não a sua colaboração, não a produção, mas os criadores e os denominadores da memória coletiva. (LE GOFF, 2003, p.467).

Ou seja, a história não pertence aos que a promovem, e sim aqueles que são atores da construção histórica.

Halbwachs define em sua obra *Memória Coletiva* (1990), que a memória não está somente ligada a rememoração das lembranças de fatos históricos que foram somente vividos por uma determinada sociedade em um determinado espaço de tempo. A memória também pode ser compartilhada por todos que estão inseridos nela:

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo...nos quais só nós estivemos envolvidos... não é necessário que os outros homens estejam lá, porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS,1990 p.26).

No entanto, para Halbwachs, a memória coletiva não estaria ligada a uma memória individualizada, restrita aos indivíduos de forma unilateral, mas sim a partir de lembranças que são estendidas e que se incorporam a um determinado grupo ou uma sociedade. O exemplo das datas e suas comemorações, das tradições e costumes, e de personagens que são admirados por uma

determinada coletividade. Assim, partindo dessa ideia, Halbwachs, compreende a memória como um fenômeno social, uma prática de representação coletiva, e trabalhar com a memória através da oralidade é articular e mediar a reconstrução do passado.

O que corrobora com o que Nora (1993) discute em seu artigo *Entre Memória e História; A problemática dos lugares*, quando expõe:

que a memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quanto grupos existem; que ela é por natureza múltipla. (NORA, 1993, p. 9).

Nesse sentido, ainda em Nora, memória é algo que remete a vida, no seio de grupos que a carregam, apesar de estar passível a esquecimentos seletivos de suas lembranças, sejam elas para recordar ou esquecer momentos dolorosos para que não se repitam, como por exemplo as grandes guerras. Ela está susceptível de manipulações e disposta a reformulações de suas representações simbólicas.

Se o conceito de memória está ligado a prática dos grupos vivos através da experiência vivida por um coletivo, o mesmo não pode se dizer em relação a história, pois seu papel é totalmente o oposto, visto que a história quando se propõe a reconstruir um fato histórico, sempre questionará esse passado, ao ponto de desconstruir de forma crítica uma memória que permanece por vezes numa espécie de condição do sagrado para determinadas sociedades.

De acordo com Nora, Memória e História apesar de ambas remeterem ao significado de passado, estão longe de serem sinônimos, pois uma se opõe a outra. A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta entre a permanência da lembrança e do esquecimento, no inconsciente das transformações que se sucedem. Já a história é a reconstrução sempre crítica e inacabada de um fato que não existe mais. A memória é sem-

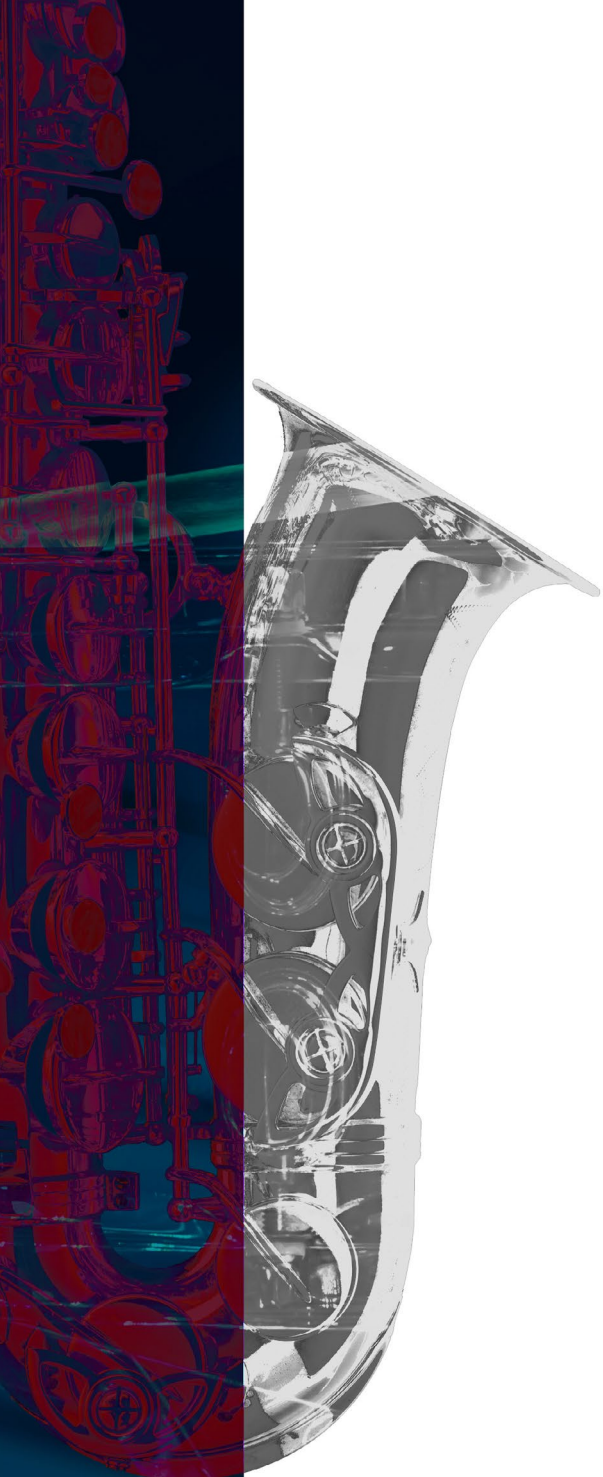
pre suspeita para a história, cuja verdadeira missão é desconstruí-la e a repelir. *A história é deslegitimação do passado vivido* (NORA, 1993, p.9)

Nesta ambiguidade em que o historiador é, muitas vezes, colocado ao correlacionar os termos de maneira específica, é o que contribui bastante para esta construção do tema mulheres e contextos operários e, nesse sentido, a história busca estabelecer uma posição crítica de uma memória que muitas vezes está pautada como verdadeira, sacralizada, e que acaba por ocultar e oprimir uma pluralidade de memórias que são colocadas dentro de uma memória nacional dominante. Apesar da imposição de uma memória que se sobrepõe a várias outras, a primeira não anula a segunda, pois:

...este processo opressor da memória coletiva não se traduz na extinção das memórias minoritárias. O que são oprimidos, silenciados ou forçados a esquecer continuam tendo a necessidade de expressar suas lembranças..." (POLLAK in RODRIGUES, 2012, p.56).

Rodrigues (2012) atribui a essas memórias minoritárias ao que Pollak chama de memórias subterrâneas, que por vezes são inseridas dentro de uma memória globalizante, o que ele denomina de memória enquadrada, que compõe memórias de vários grupos dentro de uma mesma sociedade. Apesar de parecer que há um espaço harmonioso dentro de uma coletividade globalizada, há grupos que reivindicam as suas memórias quando estas são condenadas ao esquecimento, pois as lembranças de agrupamentos minoritários que são por vezes relegadas a uma repressão de sua existência e são inseridas de forma silenciosa dentro de uma organização institucionalizada, sempre estarão à espera de oportunidade para se manifestar e se tornar visíveis. (RODRIGUES, 2012, p.56).

Assim, para Silveira (2007), a utilização de fontes orais permite outras formas de representações do conhecimento histórico, instigando uma nova maneira de interpretar a história, colocando-a para muitos a possibilidade de conhecer uma história através da memória dos esquecidos.

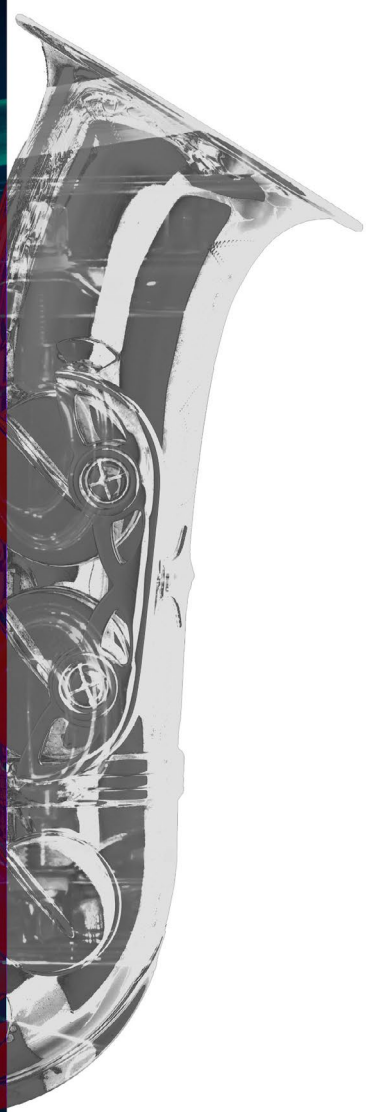


A história oral, diferentemente do que se pensa, não é somente uma forma de compensar a ausência do documento. Na realidade Meihy e Holanda (2010) expõem a importância da narrativa como forma proveitosa do uso da história oral. A pesquisa oral quando se concretiza numa fonte documental, obtém uma importância como qualquer outro documento escrito. Para estes autores é por intermédio da oralidade que se obtém dados específicos sobre movimento de grupos de minorias marginalizados como mulheres, índios, negros e etc. Essas minorias acabam adquirindo maior visibilidade para expressar as suas experiências que se articulam na construção de identidades através de suas memórias, que dão sentido a uma coletividade social.

Nesse sentido, a memória também se torna um tópico protagonista na fundamentação de qualquer pesquisa que utiliza a memória como fonte de estudo, pois relacionar fatos de vivência ainda participante na memória coletiva compartilhada por grupos que a vivenciaram e que ainda compartilham dessa mesma memória no local do objeto a ser estudado pelo pesquisador, é um desafio para quem pretende utilizar a narrativa de um fato através dos depoimentos, que busca na memória as lembranças de seu passado. Esse conjunto metodológico de se fazer a abordagem de investigar o objeto, tem auferido cada vez mais destaque no campo das Ciências Humanas e Sociais por construir a história a partir da reflexão sobre o cotidiano e suas representações.

A memória é um importante aliado de muitos pesquisadores, que se predispõe a compreender determinados fenômenos sociais e/ou fazer a reconstrução histórica de um grupo em particular, através da memória, propriamente dita, e da oralidade dos próprios sujeitos envolvidos que fizeram parte de um determinado processo histórico.

Somando-se aos conceitos citados acima, as pesquisas no Brasil têm buscado múltiplos tipos de metodologias de apoio e se identificando com vários conceitos e técnicas que tentam ajudar a pesquisa a decodificar os elementos de coleta, muitas vezes complexos, com



compreensões específicas em áreas diversas no universo das ciências. Para tanto, estas fontes apresentadas como método de estudo, têm por objetivo um resultado satisfatório. Evidentemente que diante da busca de temas que retratassem temáticas relacionadas ao cotidiano de uma determinada classe social ou de um grupo identitário, a busca através de fontes orais é um importante aliado para as pesquisas nas áreas das ciências humanas, em particular a escrita da história. A pesquisa alinhada a esse tipo de metodologia irá enaltecer significativamente o trabalho, visto que a sua contribuição será importante para o estudo da pesquisa.

Desta forma as transcrições realizadas se afunilam no entendimento do que a prosografia pode nos esclarecer. A etnologia vem do significado *pròsopon* (pessoa) e *grafhein* (descrever). Ao contextualizar Bourdieu (1996), esta conjuntura de desvendar os padrões de relações e atividades via estudo da biografia da coletividade, difere da prosopografia como ao linear em uma linha histórica definida por conceitos cronológicos. A chamada “ilusão biográfica”. Isto é muito direto na concepção da banda de música feminina, quando dentro dos seus discursos movem pelo próprio movimento social ocorrido em suas vidas.

É perfeitamente compreensível a questão do *Habitus* relacionados nestas histórias individuais contadas por elas, mas que ao mesmo tempo é movido pela mudança social, no sentido de pensamento, e não financeiro, deste grupo. Ou seja, sua relação de *status* perante aos outros operários. Em muitas das entrevistas realizadas com entes e uma das integrantes vivas, a relação operária destas moças, para as mesmas, eram um diferencial e para muitas, superior entre os cargos da produção têxtil⁴.

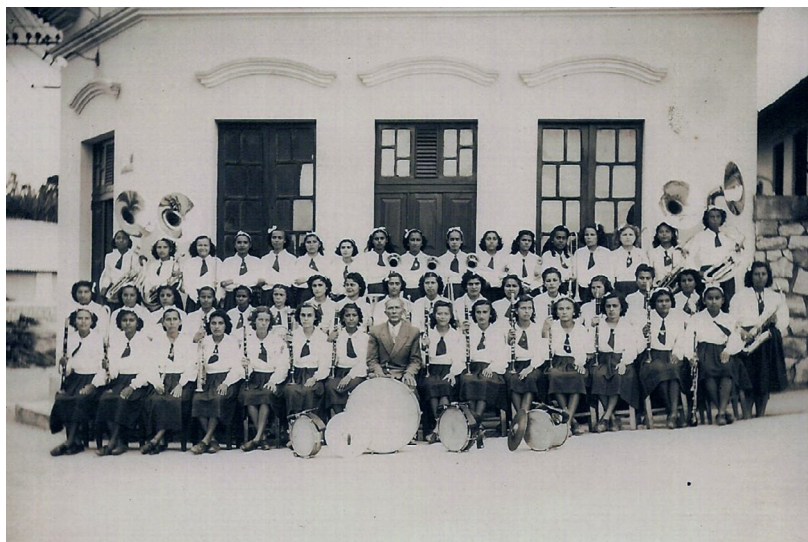
Poderíamos aqui verificar a relação da memória e história como construção do pensamento coletivo sobre vários fatores cotidianos e alguns, que vimos nas relações das leituras feitas dos autores

4 Vide volume 1 da serie Mestres musicais de Alagoas.

Halbwachs (1993) e Bosi (1979) no Brasil, e outros diversos autores que dissertam sobre o conceito de que toda memória individual é na verdade o ponto para a construção da memória coletiva.

Assim, *Tramas e Teares Sonoros*, propõe recorte de pesquisa sobre estas questões amplas da prosopografia inserida na musicologia e outras áreas humanas, neste escopo que questiona sobre a história e a memória sendo coletiva nestes grupos. Uma tentativa.

Banda feminina em frente a sede da banda na Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos, década de 1940.



Fonte: Arquivo de Arnaldo Paiva Filho

A blue-tinted background image featuring a saxophone on the left and a drumstick in the center. The saxophone is partially visible, showing its keys and body. The drumstick is positioned horizontally across the middle. The overall scene is dimly lit, with a strong blue color cast.

2

O NOSSO JORNAL E OS TEXTOS DAS MUSICISTAS:

Editorias de outros
Jornais publicados
no Periódico Nosso jornal

38 MENINAS E UM MAESTRO

- Diário da Baía de 12-11-41-

(editorial)

Conjunto admirável é o da Banda de Música feminina nesta cidade. Trinta e oito meninas-alunas de uma escola mantida por uma fábrica de tecidos alagoana e um maestro dedicado formam a banda.

Fossem americanas, francesas ou alemãs estas garotas por certo, mereceriam rasgados elogios da crítica musical.

São, porém, brasileiras e do norte... o que é certo porém, é que esse conjunto constitui, sem dúvida, algo de extraordinário no que se refere a organizações musicais. Ajustadas harmoniosamente de maneira tal que dá lugar a espanto de quem não tem o espírito prevenido, as garotas alagoanas surpreenderam ontem, a todos que foram a Associação dos Empregados do Comercio, convidados para audição especial dedicada a imprensa.

Na execução dos trechos de Verdi, Wagner e Carlos Gomes as garotas conduziram o auditório para o país da música, onde tudo é sublime.

Constou da audição vários números de canto coral. Novamente culminando com a apresentação de "Luar do Sertão", de Catulo, o grande poeta cearense, as meninas prenderam a atenção de todos, tendo repetido vários números ante os insistentes. São realmente notáveis essas garotas.



UM MAESTRO

• São Paulo, 12-11-41 •

Quando da ida ao Rio de Janeiro

(Editorial especial para o Nosso Jornal)

Valdimir Cabral de Araújo

Ser maestro em Rio Largo, não é mais que obedecer passivamente a uma condição profissional de vida. Fantástico é ser maestro no Rio de Janeiro... Aí está o prodígio que realizou a inteligência rutilante do Professor Japiassú, quando de sua permanência com o conjunto musical feminino, na capital Federal. E porque não foi em São Paulo⁵, onde justamente nós alagoanos, domiciliados esperávamos aplaudi-lo no municipal ou mesmo no Pacaembú? Essa é a dúvida que não nos consola antes mais nos entristece.

Mas como tudo na vida há uma razão de ser, respeitamos o motivo que impossibilitou as minhas jovens e desconhecidas conterrâneas de virem a Paulicéia de modo que assim ficará sempre a impressão do êxito alcançado no Rio e, ainda a nossa vontade inflexível do que poderiam vir a obter na terra da garoa.

Sois minhas jovens conterrâneas, a geração que se apresenta, para render nas frentes de batalha, a geração que bate em retirada.

Afirmastes com o vosso maestro a fidelidade a música, a alegria de viver e o ideal.

Por isso, bem haja o vosso resoluto, sem o qual não terei trazido aos Cariocas e quase aos Paulistas, a iniciativa vitoriosa, oriunda do cérebro sonhador, perseverante e sobretudo dinâmico do Comendador Gustavo Paiva.

5 A Banda feminina esteve em São Paulo em 1954 quando foi recebido pelo Governador de São Paulo Janio Quadros na visita aos 400 anos da cidade paulistana.

ORIGINAL E EMPOLGANTE

• Diário da Baía de 27-11-41 •

Tivemos a oportunidade de assistir a banda feminina composta de filhos de operários da Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos, de Alagoas. Espetaculo empolgante, não só seu cunho original, sinão maestria e arte, com que aquelas meninas executam, desde a música popular até as clássicas, a audição que o maestro Japiassu deu ontem, na prefeitura, em homenagem ao Dr. Durval Neves da Rocha⁶, deixou em nós uma impressão estranha, algo de melancolia, algo de melancolia, de sentimentalismo e de até mesmo de socialismo, porque é bem uma demonstração de vitória do Estado Novo: o operário brasileiro não é um revoltado, um radical, mas, um artista. É isso que nos ocorre ao vermos e ouvirmos aquelas 34 garotas, filhas de operários do Estado de Alagoas.

Fica gravada em nossa recordação a segurança das notas, canção harmônica, homogênea, cheia de beleza e alma. Vê-se a quanto pode chegar a dedicação de um artista e a boa vontade de um industrial. A batuta do Maestro Japiassú a frente a frente a banda feminina, é um documento arte e de organização. A ele, as 34 garotas obedecem cegamente, o que dá unidade e expressão viva à harmonia musical. E não diferente a impressão da que tivemos do conjunto orfeônico, único e talvez e o mais homogêneo do Brasil. E dizer-se que a ideia dessa brilhante e original banda de música partiu de Bahia. Sim. O Sr. Gustavo Paiva Presidente da Companhia, assistindo aqui a uma

6 *Durval Neves da Rocha* nasceu em Salvador no dia 1º de março de 1892, filho de Alfredo Neves da Rocha e de Umbelina Dias Neves da Rocha. Em 1938, já no período do Estado Novo (1937-1945), tornou-se prefeito de sua cidade natal, cargo que exerceu até 1942, durante a interventoria de Landulfo Alves. No pleito de outubro de 1950 elegeu-se suplente de Landulfo Alves, então eleito senador pela Bahia na legenda da coligação formada pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e o Partido de Representação Popular (PRP). Com o falecimento do titular da cadeira em outubro de 1954, assumiu seu mandato no mês seguinte. Participou de várias comissões técnicas do Senado, deixando essa casa em janeiro de 1959. Fonte: <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-biografico/durval-neves-da-rocha>

audição de um "Jazz" de 22 figuras da firma Sr. Almiro Fernandes & Cia., ficou tão bem impressionado que, ao chegar a Alagoas, cogitou de crear a banda feminina.

E, no entanto, a Bahia nada tem. É de se esperar que o exemplo da Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos, fique gravado no espírito dos nossos industriais, e que os mesmos procurem dar aos seus operários um incentivo artístico, com que possam esquecer as misérias, crises e outros / contratempos que os afligem.

O dr. Durval Neves da Rocha ficou tão bem impressionado que, num gesto nobre e cavalheresco, prontificou-se auxiliar, de todos os modos possíveis, as meninas que compõem a banda. E, na sua preocupação humanitária de distribuir alegria e consolo aos pobres, pediu aos Sr, Gustavo Paiva que concedesse uma audição para os quinhentos e poucos asilados do Abrigo de Mendicidade.

Belíssimo gesto!

MENSAGEM AOS ALAGOANOS

• **Gazeta de Alagoas de 19-12-41** •

Amélia Carvalho

(Secretaria de Educação e das letras e das artes da Baía)

Alagoanos!

SALVADOR- Dezembro-

A Baía, por intermédio de uma de suas filhas, envia a vocês numa mensagem de admiração e simpatia, parabéns pelo sucesso da Banda Feminina Alagoana nesta capital.

Sensação mais inédita, presente raro não podia a terra dos Guimarães Passos, mandar a este Estado que com ela se identifica num conjunto de tradições e de riquezas! Alagoas tem petróleo, a baía tem. Alagoas produz côco, algodão, arroz, fumo cacau e a Baía também. Alagoas tem plantas oleaginosas, resinosas e textis, na Baía há também. A Baía tem pintores, escultores e poetas e de Alagoas são de Goulart de Andrade, Teixeira da Rocha, Lourenço Peixoto, Calheiros Gomes, Jorge de Lima, Leonardo Viana. Na Baía nasceu Precislano Silva. Em Alagoas - Rosalvo Ribeiro. Alagoas deu Rosa da Fonseca. A Baía-Ana Neri. Baiano é o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira. Alagoano é Ladislau Sousa Melo e Neto, naturalista também. Alagoas deu Alexandre José de Melo Moraes. A Baía Alexandre José de Melo Moraes Filho. Dois Estados que rivalizam num confronto de identicos valores. Alagoas tem ouro, mica. Ferro salitre, cristais de rocha e amianto. Nosso Estado também tem. Alagoas tem paisagens e madeiras preciosas, o Brasil inteiro tem. Mas uma Banda de Música de meninas joviais somente Alagoas deu. Não imitou creou. Não propalou, surpreendeu. Idéia padrão. Iniciativa modelar. Gustavo Paiva, protegendo o proletariado alagoano sem interesses em vantagens

eleitorais unificando sua vontade com a vontade nacional, sem ignorar o verdadeiro sentido da Patria, considerando o operário um elemento integrante do Estado, procurou proporcionar-lhe as regalias estatuídas pelo Estado Novo e reunindo essas trinta e oito meninas num conjunto orfeônico, fala aos ouvidos do Brasil da confiança, da fraternidade, da harmonia que reina no interior de suas fábricas. Não é somente no Sul, que os surtos industriais, reflexos de infiltrações europeias, vão crescendo. Alagoas veio provar que a gente nortista sentimental e contemplativa, realiza os mesmos milagres se bem orientada e assistida.

A Cia. Alagoana de Fiação e Tecidos, oferecendo aos seus auxiliares o conforto máximo e ao Estado grande cooperação em sua grandeza econômica, dou da educação artística do operariado, patrocinando-o de um modo geral, agora é ele que fala aos brasileiros dessa proteção mais altisonante dos instrumentos: o coração de suas próprias filhas. Contentes, sadias, sociáveis, estas meninas, atentas a batuta de Aquino Japiassu, deram expressão a realidade tocando com um equilíbrio de mestre trechos de óperas, libretos, folclore, emboladas patricias, correspondendo na altura a iniciativa do benfeitor dos pais queridos cuja social, econômica humanitária, é profundamente nacionalista.

O golpe de 10 de novembro reajustou os quadros da vida brasileira e em Alagoas encontrou num sentido prático e fecundo. No seio do operariado, que dá força e vida ao organismo estatal, é que as ideias cívicas tomam vulto, que países enriquecem, que democracias palpitam, bebendo as energias nutrizes da nacionalidade. Su braço robustecido pelo manejo da máquina sempre pronto a esgarçar o algodão, a mover as usinas ou a / fundir o problema siderúrgico, é o que apoia e levanta a Nação ao descortínio dos horizontes futuros. Gustavo Paiva compensa este valimento e sabendo que nenhum governo age sem a colaboração do trabalhador, satisfaz-lhes as aspirações.

Bem, hajam, pois alagoanos, homens desse quilate moral e mental que não empregoua riqueza em arranha-ceos impassíveis,

em falsas ações beneméritas ou em empresas de lucros pés mas em fábricas que honram o Estado, garantindo o pão, o vinho, a casa, a saúde e a educação dos filhos a dois mil empregados , agregando - os num, todo coeso útil em todos os sentidos a causa pública. A Baía, os alagoanos, chegou a conclusão que nas fábricas Cachoeira e Progresso o operário não trabalha para morrer de fome, mas para corresponder a estima do seu chefe. Tem direitos antes que deveres, dando, por isso, o melhor da sua atividade, sentindo no coração e não no cérebro o impulso de cooperativismo, acionando o maquinário da companhia com a maior força motora: a gratidão.

Seu dirigente compreendendo que as leis trabalhistas são leis de harmina social, na expressão do presidente Vargas e confiando na capacidade das massas anônimas penetrou no interior de seus lares, tomou-lhes as filhas para projetar-las a visão artística do Brasil e as meninas por ele educadas num esforço homogêneo, mostram num conjunto orfeônico, que em Alagoas, entre os empregados e empregadores há uma afinidade afetiva espiritual e unidade de pensamento e de ação. Enalteceram o torrão de Sinimbu. O oboé de Yolanda Rebelo cobre de rosas a fronte porejante do pai humilde. O mérito de Sebastiana Silva sulará outro proletário a servir o patrão.

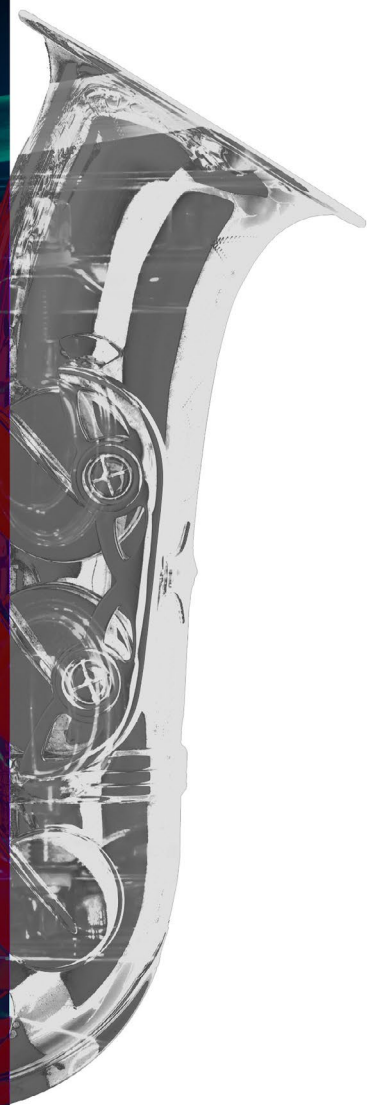
Zilda Japiassú, Gizelia Corado, Marinita Araújo, todas, enfim, recebendo o aplauso público, dão a seus pais alegria de viver, conforto moral e o animo, no trabalho que engrandece a nação. É uma iniciativa para o proletariado alagoano, mais valiosa que o Salário-Mínimo. Uma ideia que comove e que tocou no coração emotivo dos baianos, rjando os olhos da plateia. Emoções várias, banharam-na, doces, tépidas, profundas, porque estas meninas, prezados alagoanos, nos milagres musicais, fizeram borbulhar em nosso íntimo, as lagoas deste Estado, a Funda, a Doce, a Azeda, a Escura, para melhor refletirem nossa admiração.

Vivificaram tão bem as belezas regionais do Norte que, nos prodígios do acorde, fizeram o rio salgado de la da Serra Talhada saltar

dos olhos da gente nos auge da execução. Porque Alagoas limitando-se com a Baía em águas do S. Francisco, vem unir-se agora a ela com essas águas sagradas, que limitam sempre a alma com os extremos do aplauso, com as estremas da emoção?

Essa Banda vale uma embaixada: irmana, solidariza. Estabelecerá, condignamente, um intercambio interestadual.

A Baía, pois, envia as palmas que Alagoas fez jus, porque essas embaixadoras graciosas, interpretando com expressão invulgar a tempera da nossa gente, o nosso hibridismo racial, cantando em hinos corais as grandezas brasileiras, os luares, soalheiras, toadas e tradições, a ordem, o progresso, o trabalho, a disciplina, musicaram a legenda da bandeira, merecendo sem favor, a honra do elogio nacional.



A PROPÓSITO

• Crítico Pernambucano Dr. W de Oliveira •

(Do Jornal do Comércio de Recife⁷ de 23-11-41)

Merece um registo simpático, a passagem pelo Recife, do grupo Orfeônico e Instrumental da Companhia Alagoana de Fiação Tecidos. Trinta e sete jovens o compunham- operários e filhas de operários - constituindo um conjunto homogêneo e disciplinado que espantou, em nosso meio social, justos e calorosos elogios. Exibindo-se como banda, demonstrou conhecimentos que não eram de esperar satisfazendo como grupo orfeônico. Não so comuns, aqui, exhibições como as que nos proporcionaram as operárias alagoanas.

Repertório interessante (de fato deveria interessar os nossos orfeonistas), afinação absoluta, homogeneidade e cega obediência ao regente Japiassu, a quem devemos todas as harmonizações, do mesmo modo que as instrumentações de banda. Demonstração de agrado obtidos por essas jovens, é de fato de terem sido convidadas para se exibirem, após as audições do Santa Isabel, em outro pontos de encontro social, notadamente nos chás do Clube Portugêus, em mais de um, o que confirma, lisongeiramente, a expressão despertada no espírito do nosso melhor público. Além dessa-muito espontânea

7 Jornal pernambucano diário fundado como folha de anúncios a 7 de novembro de 1825, em Recife. É hoje o mais antigo jornal em circulação na América Latina. O primeiro proprietário do *Diário de Pernambuco*, jornalista Antonino José de Miranda Falcão, participou em 1826 da Confederação do Equador e, em 1846, iria se tornar administrador da *Gazeta Oficial*, no Rio de Janeiro. Embora em 1827 o jornal tenha classificado Pedro I de “soberano liberal e respeitador da Constituição”, aprovou a abdicação do imperador, noticiando em abril de 1831: “Temos a satisfação de dar a saber aos nossos caros concidadãos os felizes sucessos da capital do Império: triunfou a opinião pública. m julho de 2004, a redação do *Diário de Pernambuco* mudou da sede onde permaneceu por 101 anos, para o prédio dos Diários Associados, em Santo Amaro, devido a problemas de acesso ao centro da cidade. O governo do Estado de Pernambuco adquiriu o antigo prédio da redação do Diário, a fim de transformá-lo em um Memorial do Diário, com peças e documentos que contariam a sua trajetória.

e sincera-deixaram as moças da Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos, uma duradoura impressão de ordem e disciplina que convém assinalar como uma das suas mais expressivas credenciais.

Como obra social, a criação e a manutenção desse conjunto, no meio operário, são de um inestimável alcance. E a nossa admiração e nosso aplauso se tornam mais calorosos quando sabemos que, além esse conjunto, há outro, mencionada Companhia, constituídos de elementos masculinos. Exemplos assim deveriam ser seguidos pelos nossos industriais: Sem educação artística não se consegue a educação integral do operário. É pena que não tivesse possível-talvez pela falta de tempo, proporcionar várias audições/ desse conjunto aos nossos operários. Teria sido ótimo. Se não temos nada que se pareça, seria o caso de aproveitarmos o que nos vem de fora. E desta vez, foi Alagoas que nos deu exemplo. Quê ele frutifique. A propósito: teria Milton de Pontes⁸ ouvido a banda e o orfeão?

8 José Milton de Pontes: Fundador dos Centros Educativos Operários e chefe da Diretoria de Reeducação e Assistência Social de Pernambuco nos finais das décadas de 1930 a e iniciais de 1940.

CARTAS AS MENINAS DE ALAGOAS

• Amélia Carvalho •

(Do Jornal ATARDE de 29-11-41) ⁹

Empolgada com ainda com a primeira exibição da Banda que vocês integram, escrevo-lhes esta carta esponta como um gabo, nervosa como um aplauso glorificando as primeiras floradas altura musical nordestina, honra da mocidade feminina alagoana. Vocês vieram numa algazarra de pássaros trazer a tristeza do Sul domesticado pela civilização e pelo progresso um pouco de beleza do Norte ainda brasileiro, natural e intangível. Não saíram dos Institutos de especialização mas da Cia. de Fiação e Tecidos para dizer ao Brasil que, em Alagoas, o trabalho é um princípio inspirador de arte de alegria e de ação. Ninguém melhor do que vocês, filhas de operários honestos obreiros da grandeza econômica do Estado, para interpretar as vozes da raça, a índole do nosso povo suas lendas e tradições pintalgadas de suor e sangue que vagam na memória dos tempos como ressonâncias recuadas de um passado distante.

Se Wagner declara que a música diz: "eu sou" vocês podem dizer: Somos a força, a terra, o ar, a luz do Norte onde a arte é puramente brasileira, por quanto ali permanecem genuínas a sensibilidade, a saúde, a potência, o espírito da nacionalidade. Vocês são por si mesmas o programa de uma festa nacional. Alagoas, como um ser organizado em timbres, canta nessa Banda abrindo-nos no espírito todas as belezas nordestinas:

⁹ Jornal vespertino lançado em Salvador no dia 15 de outubro de 1912. Foi fundado por Ernesto Simões Filho e atualmente é propriedade de seus descendentes. É o maior e o mais importante jornal do estado da Bahia. Os primeiros números de *A Tarde* foram impressos numa velha Marinoni manual, instalada num pardieiro à rua da Preguiça. O jornal começou a circular com apenas quatro páginas, mas, rompendo os padrões tradicionais do jornalismo, promoveu verdadeira revolução entre os diários do estado e entre o público leitor. A primeira bateria de linotipos foi instalada em agosto de 1920, quando *A Tarde* foi transferida para a antiga sede do Banco do Brasil, na rua Santos Dumont. Cerca de dez anos depois, *A Tarde* inaugurou novas instalações, em sede própria, na praça Castro Alves. Hoje sua sede se encontra no bairro Caminho das Árvores, em Salvador-Ba.

manhãs despertas no corpo das instrumentistas adolescente em que as tubas campanuladas se enroscam lembrando gitanas em palmeiras.

O trêmulo coqueiral da pajussara, flambelando nos estremecimentos nervosos no clarinete de Boehm, cendo sibilar na boca de Sebastiana Silva, glorificando o piston...

Ouvem-se no saxofone de Edite Soares gurguris e merindibas meadoras, o entorno de frondejos nos uníssimos murmúrios orfeônicos e no rufo dos trombones as toadas que resôam na face mística da Manguaba.

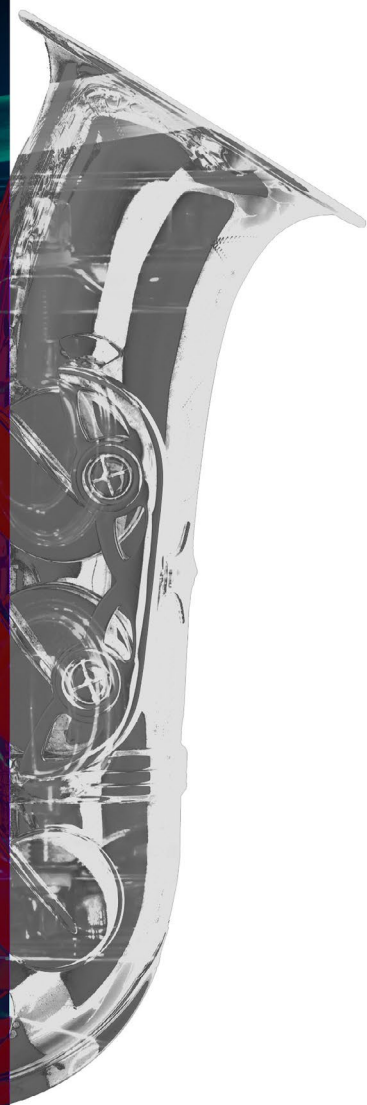
Sente-se o silêncio das prais transfigura-se em trêmulos na plateia em queixe flautas os murmúrios do Camaragibe e Craunáu e nos clarísonos agudos as clarezas dos píncaros de Priáca Longá.

As lagoas não secam, os coqueiros não morrem como os cimios perenes e assim, feitas dessas belezas eternas que Craveiro Costa cantou, essa banda viverá por força de sua razão e da tempera magnífica de seu conjunto

A história alagoana revive nessa orquestra, nos dobrados vibrantes de andante grandioso como o avanço dos heróis nas pegadas holandesas e nos tons batidos de baquetas escapos de tambores em surdos grupos fugidios como os lamentos dos negros nas arrancadas quilombicas.

Alagoas deu o primeiro Presidente da República, o primeiro passo na rebeldia nativista e, agora, a primeira Banda musical Feminina que diz os empreendimentos sociais da Companhia do quanto é bem organizada a classe laboriosa do Estado e o quanto seus pais, meninas, mereceram do seu chefe e benfeitor.

Dando o braço a Euterpe do salão até a Fábrica, onde há ritmo, fraternidade e disciplina, Gustavo Paiva, o benemérito do operariado alagoano, amparando socialmente o proletário, considerando-o, cuidando do bem estar dos seus auxiliares servindo a Pátria numa



originalíssima forma de patriotismo realizador como sonhou o Presidente Getúlio Vargas, merece de vocês o reflexo de todos os louvores.

Na terra de vocês “na fronti do cavaleiro, difrontil ao norte e na fronti da Mirandela, au longi da paredi do pilar encontrarão um azado di cobre cheio de moedas de ouro” enterradas em 1635...

Que renderam até hoje?

Para que dinheiro inativo?

Gustavo Paiva, esse homem invulgar teve essa compreensão pondo toda sua riqueza e boa vontade a serviço do Estado, inovando sob o controle de Aquino Japiassú, energias moças então adormecidas em vocês, 38 florões da mocidade femenina alagoana sadia e tonificadas pelos verões do nordeste:

Edite evocando Saxe.

Eunice Correia deliciosa soprano. A morena Minervina França, a loura Yolanda Rebelo.

Eu estou encatada com vocês. Ide garbosas / mostrar aos outros Estados que as patricias de Floriano Peixoto honram o torrão de Deodoro da Fonseca.

Ide, não de saias azuis e blusa branca, mas em fardão com dragonas doiradas, provar a capacidade, da mulher nortista, a evolução artística e social do berço de Melo Morais e Goulard de Andrade.

Quantas saudades com a Cantiga da Limeira e o “Samba na Roça”, não irão por aí afora despertar, orfeonistas divinais, no coração patricio dos Bulhões, Estácio Lima, Costa Rego ou Juvenal?!...

A Baía, na cúpula acústica de suas 75 igrejas, guardará a ressonância de seu canto coral, dessa música nativa, regional e típica, sem

mais esquecer as conterrâneas de Ciridião Durval, porque elas virtuosas perfeitas conhecedoras dos segredos dos sons e das escalas, dos méritos do acorde e das virtudes orfeicas, tocaram sob o ritmo de ascensão, ideal dos iluminados motivos, transportando-nos em famas harmônicas do modulo da canção realista popular ao edenismo extático do sonho.

E toda Salvador viu que Alagoas, colocando a boca nas flautas, sentiu em terras estranhas, o sabor da glória, provocando com este beijo músico o mais excitante dos aplausos.

Impregnaram-me o intimo a melodia dessa filarmônica gementes como as usinas de Utinga ou Uruba, fortes como epopéia flamenga de Porto Calvo ou delicadas como rendas da Tatuamunha, todas lindas, todas ritmicas como aquela embolada alagoana que Ascenso Ferreira estilizou:

Cana caiana

Cana roxa

Cana fita

Cada qual a mais bonita

Todas as boas de chupar..."

E bêbeda de doçura meninas encantadoras, entresteci de repente porque a música de vocês, embriagadora, entontecente, é como aquela "Branquinha" do autor alagoano de "Catimbó que:

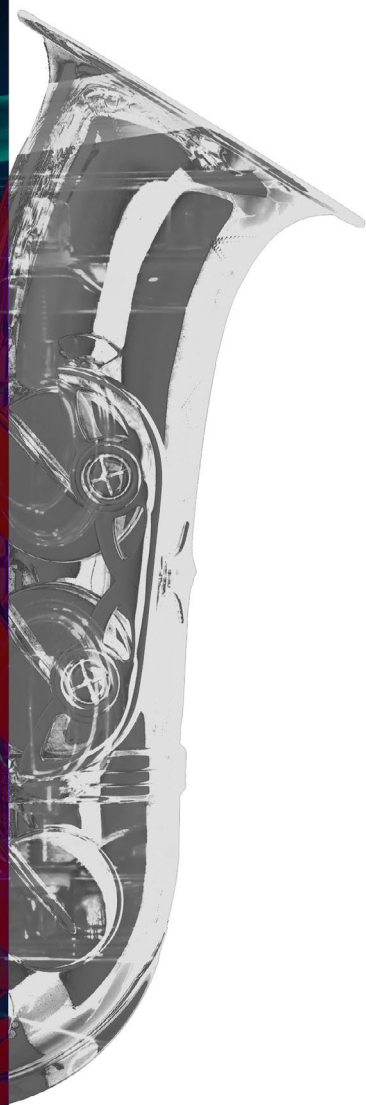
"Pouquinho é rainha

Muitão é tirana..." apertando o coração, pondo mentiras divinas e ilusões passageiras pelo mundo interior.

Uma atmosfera quente e úmida como o clima do litoral alagoano asfixiou-me a alma.

Senti as fibras nervosas tremerem como os caniços das margens do Mundahú esperanças semimortas palpitarão semivivas e anseios acorrerem-me como marrecos sedentos das ribeiras da Manguaba...

Emoções várias banharam-me doces, profundas, obscuras, como se o peito de súbito de lagoas se estrelasse.



A “DESTEMIDA DE ALAGOAS”

(Dedicada Banda Feminina)

• **Dyalir D. Ribeiro** •

(Do Jornal ATARDE de 13-12-41)

*São vocês ó! Heroínas,
Orgulho do meu BRASIL
Honrando as Alagoas,
Com sua Alma viril
Confirmando as tradições
E a coragem dessa gente
Vindo mostrar a Baía
A sua Banda fremente
Que todo país admira
E extasia ao ouvir
O conjunto de harmonia
Que jampode existir
E Alagoas deve honrar-se
De tais filhos possuir
Não há palavra que chegue
P'ra seu valor exprimir
Que sucesso não fará,
Esta banda no estrangeiro?
Afamando nossa música
Por este mundo inteiro
Da gloria alcançando o Pináculo
Como milhões de coisas boas
Como alcançou na Historia
A destemida “ALAGOAS”*

AS GAROTAS DA BANDA FEMININA NO LAGO DO PARQUE DOIS IRMÃOS, EM RECIFE

(Editorial Nosso Jornal de 15-09-42)

As “garôtas” também sabem remar! Se sabem?.. felizmente nunca remaram contra a maré... Ainda não surgiram, nas suas vidas despreocupadas, as procelas que quebrantam, na alma da gente, o desejo de viver. O vento é manso, acariciador, como o ciclar do beijo materno. O Lago, uma tranquila miniatura do oceano, todo se compraz quando elas o cortam naquelas “pirógas” tão levezinhas, que até fazem lembrar os tempos pacífissimos de vovô Índio... E como são catitas os remos! Mas semelham duas ventarolas ligadas pelas extremidades, grandiosamente, para que as “garotas” posso manejá-/ las com garradice, tal estivessem abandonados à face volutuosa do velho lago...

As “garotas” são assim... como colegiais eternamente em férias, alegres, descuidadas, parecendo não se aperceberem da transição de menina para mulher. Olham a vida como passaros felizes - que os ha também, coitadinhos, infelizes, prêsos em gaiolas doiradas - e só divisam paisagens lindas, porejando clorofila, azul do céu em matizes fascinantes de flores silvestres.

São assim as “garotas” ... Afrontam os mais rígidos auditórios com a mesma serenidade como que trincam uvas e maçãs. Também pudera! Papá Noel foi tão bom bonzinho para elas... colocou nas chinélas de meninas pobres o mais rico presente de meninas ricas.

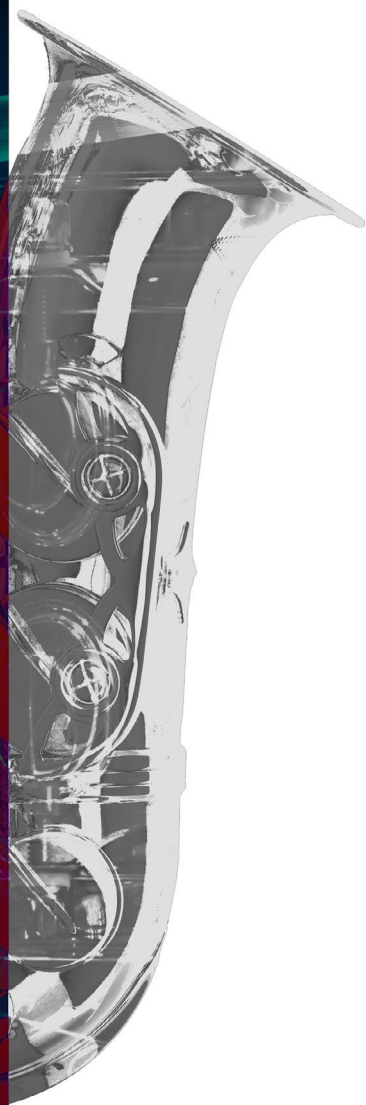
Deu-lhes uma estrêla ofuscante de luz, que as guiou ao coração de um homem apaixonado pela arte e hipnotizado pela fada do bem.



Banda feminina na casa do Industrial Gustavo Paiva 1936.



Fonte: Arquivo de Advany Japiassu.





3

**NOTAS DAS
MUSICISTAS**

Nosso Jornal. Edição de dezembro de 1941.

UM DIA FELIZ

• **Lourionete Delfino** •

Uma manhã belíssima, o meio chuvoso, a tarde encantadora. A chácara que honramos com a nossa excursão, não podia ser melhor; local agradável de onde podíamos apreciar belíssimos panoramas.

No dia 21 fomos a Associação Comercial da Baía, para o concerto. Já cedo o pessoal em grupos se dirigia para lá. Todas tocaram e cantaram.

A voz de Glemira só não despertava certos pássaros “dorminhocos” como também ponha em fuga desenfreada certos quadrúpedes que nos impediam o caminho. Às 10 horas terminou o concerto. Saimos. Começou a choviscar. Foi uma beleza! Aqui cantava-se. Ali ouviam-se gostosas anedotas. Acolá a Ana contava suas aventuras do tipo daquelas de D. Quixote... Falava-se com entusiasmo sobre música, álgebra e coisas quejandas! Assim passamos, ali, a vida nessa continua alegria.



Nosso *Jornal*. Edição de dezembro de 1941.

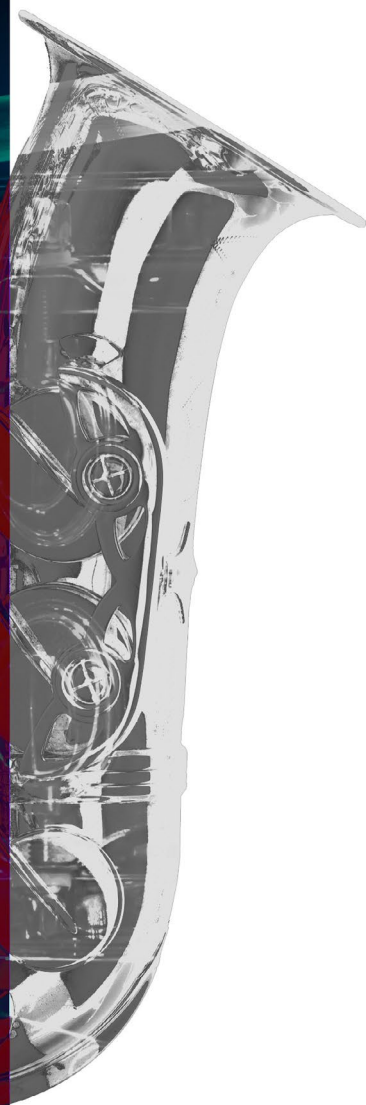
A MINHA HISTÓRIA

• Maria Ribeiro •

A história é sempre a mesma, mas sempre nova.

Deixamos um pouco de nós mesmas por todos os lugares onde passamos. Naquele Patronato, em Recife, e naquela estalagem improvisada, na Baía, deixamos, em cada uma saudade. As nossas viagens têm sempre um sabor inédito. Daqui partimos, no dia 12, com satisfação e aqui estamos, para descansar, junto as nossas famílias com muito maior e mais pura alegria, a continuar o nosso estudo de música. Dentre as visitas que fizemos agradou-me muito a da Prefeitura da Baía.

Muita ordem, muito asseio e muita disciplina entre os funcionários. Só a música me fazia gozar tanto. Quero me especializar-me na música. Já é tempo das festas e já vem sendo assunto em todas as rodas. O ano de 1942 já vem raiando. Que venha cheio de felicidades para todos nós.



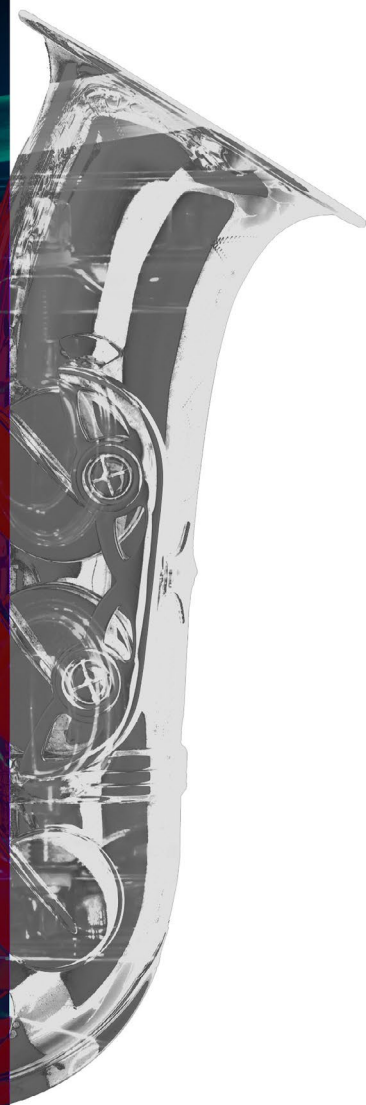
Nosso Jornal. Edição de dezembro de 1941.

UM CONCERTO

• Jacira Inocêncio •

Velozes autos nos conduzem ao “Teatro Santa Isabel” para um concerto. Foi uma coisa nunca vista/ domínio musical. O espírito da mocidade precisa de riso, de expansiva alegria característica do nortista. Foram momentos inolvidáveis que passei no “Santa Isabel”.

O Teatro todo engalanado, todos risos, toda alegria estava repleto do mais representativo da sociedade recifense. Ainda bem vivo em nossa imaginação desfilas pelas ruas saudosas o cortejo magestoso de tão doces reminiscências. Chegamos ao Patronato as 12 horas da noite. Dormimos até tarde. Ao nosso aposento chegava o perfume de olorosas flores dos jardins onde começava despontar o dilúvio das cores e dos matizes.



Nosso Jornal. Edição de dezembro de 1941.

UM DESFILE

• Genura Silveira •

As 17 horas no dia 20 de novembro, desfilamos pelas ruas e cheias de arte da Baía. As ruas fecharam-se onde passávamos, éramos delirantemente aclamadas. Em frente ao Palácio do Governo, tocamos diversos dobrados. A cada momento éramos vítimas de tantas perguntas. O calor era causticante. Foi por ocasião desta passeata, que recebemos das Lojas do Povo e A Popular de Sr Almiro Fernandes, de presente, cada uma das compons da Banda, quatro vestidos. Fiquei com saudade da terra da “maior gente da raça” - Rui Barbosa. O berço do melhor poeta que eu já tenha lido-Castro Alves, o autor das “Espumas flutuantes”.



Nosso Jornal. Edição de Dezembro de 1941.

NA CASA DO SR. ALMIRO

• Minervina França •

O Senhor Almiro é um dos maiores admiradores da nossa banda. Um excelente senhor. É digno da grande terra de Rui Barbosa. Não era possível que não fossemos fazer-lhe uma visita. O senhor Gustavo que pensa muito mais que nós, assim pensou, assim o fez. Rumamos a residência do Sr Fernandes às 14 e meia. Fomos fidalgamente recebidas. Tocamos vários números clássicos e números de música ligeira. Coro Orfeônico também se fez ouvir. Lá se achava também, a professora Amélia de Carvalho, inteligência rara, moça de uma cultura que assombra, porém modesta. Fez um discurso tão eloquente que a todos comoveu. Muitas das nossas colegas, incluindo a rabiscadora dessas linhas, choraram. Inteligência privilegiada!

Um exemplo para nós. O que ela faz, nós podemos fazer se estudarmos. Com um gete delicadesa ofereceu-nos a sua fotografia, sendo tocado um dobrado, na ocasião do oferecimento. Foi quando vi chorando. Ela nos acompanhou até a estação. Tudo isto se passava; enquanto, sem eu saber, já me esperava o grande golpe que iria sofrer. A notícia da morte de minha irmã. Como Deus quizer.

Nosso Jornal. Edição de Dezembro de 1941.

MEU ÚLTIMO PASSEIO

• Hilda Lopes¹⁰ •

Pela manhã do dia 5 de dezembro, quando o sol no horizonte surgia com seus raios dourados, iluminando a bela praia baiana, eu, junto com as minhas coleguinhas, dirigi-me contente ao nosso animado banho de mar. Horas depois, o bondoso Comendador Gustavo Paiva, facilitava uma visita a igreja do Bonfim.

Lá chegando, sem perder tempo, nos dirigimos, respeitosamente, para aquela casa de devoção. Eu, / procurei um altar/para fazer minhas orações. No momento em que me ajoelhei, pensei em Deus e na minha família, que ansiosa estava pelo meu regresso.

Saí juntamente com as minhas coleguinhas, encantadas com aquela majestosa igreja.

O passeio durou 3 horas. Gostei da praia de Amaralina. Há na Baía, muitos parques de diversões, em um dos quais, as minhas colegas divertiam-se bastante. Regressando daquele inesquecível passeio chegamos em casa justamente a hora do almoço, o que muito mais me agradou.

Assim findava nosso último dia de passeio naquela lendária Cidade.

¹⁰ Hilda Lopes casou-se com José Costa Japiassú, filho do Maestro Aquino Japiassu em Rio Largo na primeira metade do século XX. Foi a responsável pela coleção do periódico *Nosso Jornal* utilizado como fonte principal deste livro.

Nosso Jornal. Edição de dezembro de 1941.

UM DORMITÓRIO IMPROVISADO

• Cléa Fragoso •

Chegamos a Baía, no dia 30 de novembro, pela manhã. A nossa residência no Mont Serrat foi interessante. A primeira coisa de que cuidamos foi um lugar, para a dormida. Foi-nos oferecido um lugar em um subterrâneo, muito escuro e abafado.

A princípio não gostei, mas depois fiquei com saudades dele. Conversamos muito. Uma vez o professor Japiassu, para pedir silêncio, pois a algazarra era grande, bateu, de cima, com um pau no assoalho. Zilda com muito espírito disse: a primeira chamada. Em seguida ele fez a mesma advertência, eu disse: segunda. Sem esperarmos, o professor apagou a luz, porque estávamos conversando muito. Edite Japiassu, com medo pegou a gritar “Minha gente acenda a luz!”

Foi um dia de juízo. Iraci era quem mais falava. Era também quem distribuía a matéria para o assunto do dia.

Luzinete Vieira quando ia dormir, parecia um flagelado que vem do Joazeiro. Jacira, sempre teimosa, só lavava as mãos na torneira do dormitório: Molhava tudo. Por isso foi castigada com mais algumas colegas.

Gercina, acordou-se uma noite morendo sem fôlego. Irene serviu de médico. Marinita acordou-se, também, uma noite dizendo que e morrendo afogada, que chamasse um padre para se confessar. Mas era sonho. A luz nunca mais foi apagada. A nossa situação melhorou. Gosamos que só Vicente Bilú com seu umbigo respeitado.

Nosso Jornal. Edição de dezembro de 1941.

UMA RETRETA NA FÁBRICA BOA VIAGEM

• Lourdes Luz •

Saimos, às 8 da noite, de Monte Serrat, a Vila operária da Fábrica de Tecidos “Boa Viagem” onde fomos bastante aplaudidas.

Quando lá chegamos uma grande multidão nos esperava com grande ansiedade. Cálculo que lá estavam, duas mil e quinhentas pessoas para nos aplaudir.

Começamos a retreta com um lindo dobrado nº12, que nos foi oferecido n’aquela cidade; depois, uma Marcha-Frevo, e em seguida, recebemos ordem para nos transportar, para um outro lugar, em virtude do que onde estávamos, não nos comportar.

Fomos para um coreto, apropriado para Banda de Música. De onde podemos, com facilidade, tocar várias peças do nosso repertório, uma das quais, encheu meu coração de saudades, lembrei-me de minha terra natal, tive recordações de todos os meus que lá ficaram. Terminamos a retreta, as 10 horas da noite; preparávamos para nos retirar, quando fomos surpreendidas por uma linda lembrança de dois pequenos jarros que nos foi oferecido pelo bom operariado daquela Fábrica de Tecidos. Fizemos nossa saudosa retirada tocando o saudoso Dobrado “Saudades de Curitiba”. E assim terminamos aquela inesquecível tocada.

Nosso Jornal. Edição de dezembro de 1941.

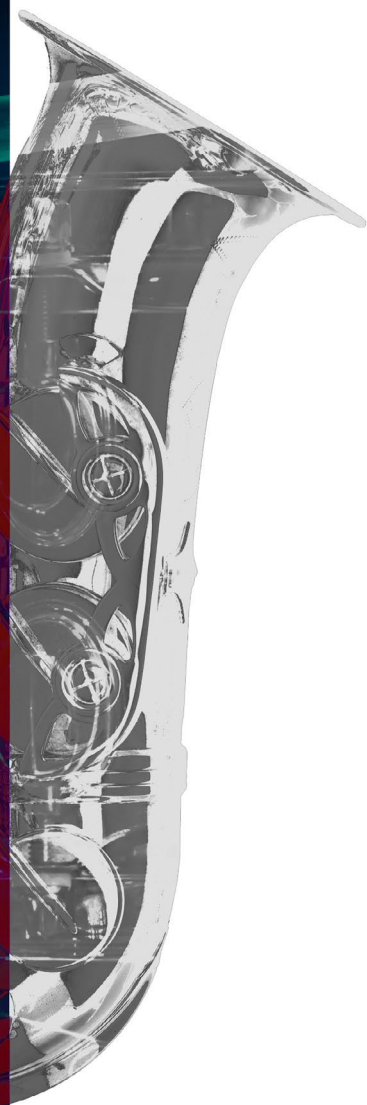
NO ASILO DA MENDICIDADE

• Zilda Japiassú¹¹ •

Um domingo, á tarde, a nossa Banda Musical saíu para fazer uma tocata no Asilo dos Pobres. Quando saímos de casa para o referido local, fomos tocando um Dobrado, vibrante, que entusiasmava a todo mundo. As ruas ficaram repletas de pessoas de todas as classes; umas batiam palmas, outras davam vivas. Assim seguimos todo o trajeto, que vai da Praça “Bôa Viagem” ao Asilo dos Pobres, acompanhadas da multidão, que nos aclamava entusiasmamente. Ao chegarmos ao local designado, outra multidão nos surpreendeu. Fazia gosto apreciar o entusiasmo daquela gente. Quando aproximava-mos daquele estabelecimento de caridade, mantido pelo Estado, me senti compensada do meu trabalho em estudar a música, tive orgulho de mim mesma, ufanei-me por fazer parte de uma Banda musical que vem admirando por toda parte por onde passamos. É pena que os nossos conterraneos, não olhem para esta feliz organização que orgulha um paiz, com carinho preciso, dando-lhe o valor merecido! Começámos a nossa retreta, com o Hino da Companhia Alagoana em homenagem ao Prefeito da Capital, que acabava de chegar naquele momento. Tocámos músicas, para todas as os paladares: Marcha “Frêvo, Samba, Fox e também alguns trechos classicos. Ao terminar aquela feliz tocata, as irmãs de caridade que surperintendem aquele estabelecimento, convidam-nos a vizitar a Capela do Asilo, o que acendemos com grande satisfação, lá fizemos as nossas orações. Recebemos das distintas irmãs de caridade cada uma de nós, um santinho, depois fomos vizitar os internados: fiquei tão comovida com o que vi, que tive vontade de chorar, alejados, cégos, rapazes na flor da idade em um estado tão deplorável! Porém ao

11 Nascida em 1925, era uma das filhas de Maestro Aquino Japiassu.

mesmo tempo, me veio um consolo, saber que todos ali estão bem tratados, nada lhes falta, têm todo o conforto: Material, moral e espiritual. Terminada a nossa tarefa, retiramo-nos d'aquela casa de caridade, tocando o Dobrado "Invejôso", acompanhadas de todo o pôvo que lá se achava, levando-nos a nossa residência provisória.



Nosso Jornal. Edição de dezembro de 1941.

UM PASSEIO FELIZ

• **Aliete Rodrigues** •

Grande foi minha alegria quando recebi de meu professor de música ordem para me preparar, a fim de fazer parte da comitiva musical das alunas da Banda Feminina. Ao mesmo tempo fiquei triste ao saber que iria passar alguns dias, longe da minha família.

Mas continuei alegre. Não dormia. Não comia. Só pensava na feliz viagem. Não pude me conter, foi quando minhas colegas tocaram um dobrado, marchando com destino a estação para tomarmos o trem.

Marchei comovida, a ponto de chorar. Resisti a tudo e fui. Dividi o coração em duas partes: uma deixei em casa, e a outra levei cheia de saudades.

A viagem a Recife foi excelente. De Recife a Baía, apesar de ter enjoado um pouco, também foi muito boa. Tínhamos todo o conforto. Passeamos muito.

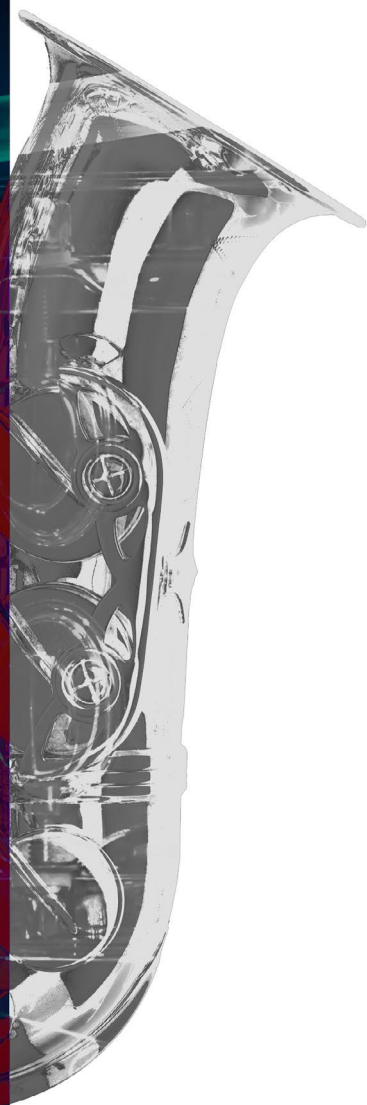
Na Baía, diariamente duas colegas serviam de copeiras. Eu de minha parte muito fiz para satisfazer as minhas amiguinhas, se não as satisfiz, paciência. A Glenira sempre cômica. A não ser a Antônia Lopes que adoeceu logo em Recife, todas tivemos saúde. Estávamos sem medo pois tínhamos o Sr. Jorge ao nosso lado: amável dedicado e competente.

Recebemos muitas homenagens. Fomos muito aplaudidas. Não podia ser ao contrário. Pois o querer é poder. E é isto que estudamos com muito gosto.

Gostei muito da viagem. O São Francisco deslumbrou-me. Compreendi melhor o que estudei.

O rio descoberto por Américo Vespúcio. O rio que nasce na serra da Canastra. É pena que não tivéssemos ido a Cachoeira de Paulo Afonso, uma das mais belas formadas por aquele rio. Mede 80 metros de queda. Não percamos a esperança.

O que é preciso, além de tudo, é o nosso presado chefe, o Senhor Gustavo Paiva, ter muitos anos de vida, para que, todos os dias, peça a Deus. E o resto será fácil.



Nosso Jornal. Edição de dezembro de 1941.

NA ESCOLA NORMAL DA BAÍA

• Hilda Ribeiro •

Fizemos uma visita á Escola Normal da Bahia. Chegando às 10 horas. Subimos para o salão de honra do Velho Educandário, e lá estavam todas as alunas, formandas, á nossa espera. Fomos recebidas com prolongadas salvas de palmas. Depois de curta demora chegou o Diretor da Escola, acompanhado de amigos e de professores. Tocamos um hino da Companhia. Depois dos cumprimentos demos começo ao programa. Seis lindas peças clássicas foram executadas, finalizando com alguns números do Orfeão. Quando saímos, tocamos um dobrado até o portão. Depois fomos para onde estavam hospedadas, trazendo e deixando muitas saudades da referida Escola.



Nosso Jornal. Edição de dezembro de 1941.

NA BRIGADA MILITAR

(Em Recife)

• **Maria José França** •

A disciplina e a civilização que acompanham aqueles milicianos pernambucanos, me encheram da maior admiração. Ao penetrar no quartel do Derby, onde são alojados, a minha curiosidade chamou-me para o Teatro onde se realizam as audições musicais daqueles soldados músicos e cantores. Lá penetramos ansiosas não porque íamo-nos exhibir, mais porque íamo-nos ter a feliz ocasião de ouvir e aplaudir um dos melhores conjuntos instrumental e orfeonico do Brasil. Coube a nós o início do festival, tocamos como nos foi possível, o fato é que recebemos muitos aplausos da seleta assistência que alí se achava; em seguida exhibiu-se o referido conjunto, que tem como seu dirigente tecnico, o afamado Maestro Zuzinha. Deixou-me encantada o grande conjunto orfeônico daquela corporação; a Banda executou trechos de Óperas não minhas conhecidas, porém observei, muita perfeição na sua execução. Eis a minha palida impressão sobre a Brigada Militar de Pernambuco.

Nosso Jornal. Edição de dezembro de 1941.

UMA INESQUECÍVEL EXCURSÃO

• Maria Sátiro •

Prrr... e o trem no último arranco chega em Recife. Custou, mas chegou. Já nos esperavam o Senhor Comendador Gustavo Paiva. De curiosos estava cheia a estação. Eu gosto muito de passeiar. E quando se passeia, às custas de alguém... Que prazer, meu Deus! Só me lembrava de casa porque, afinal, sou humana. Já se fala em irmos a Buenos Aires. A maldita guerra traz muitos aborrecimentos. Mas, quando o mundo estiver no seu estado normal, poderemos ir. Julgo que o eminente chefe da Nação brasileira, o excelentíssimo Senhor doutor Getúlio Vargas, o representante máximo das tendências progressistas do povo brasileiro, principalmente da classe operária de que somos parte integrante, há de facilitar a nossa ida àquela cidade do Hemisfério Ocidental, cujo progresso rivaliza com qualquer cidade da Europa. O princípio de um novo ano nos dá muito grande ensejo, para mandar ao dr. Getúlio Vargas os nossos saudaes, os nossos bons augúrios. Já ia me esquecendo do passeio ao Recife. Já o visitei, uma vez. Recife progride, admiravelmente. Nota - se grande atividade na linda Mauricéa. Homens e máquinas executam obras que são orgulho do hospitaleiro povo da terra de Joaquim Nabuco. O doutor Agamenon Magalhães é o homem de que precisam os pernambucanos. De Recife fomos à Baía, onde fomos bem recebidas. Da Baía fomos por terra, a Propriá, onde demoramos pouco, seguindo logo para Penedo, pelo rio São Francisco. Que belo panorama! Que espetáculo encantador! Depois de algumas horas, em Penedo, o berço do dr. Manoel Joaquim Fernandes Barros, médico e químico, onde demos um concerto, eis-nos aqui, no dia 8 de dezembro, abraçando os nossos, depois da ausência de um mês. Ainda assistimos a Procissão de Nossa Senhora.

Nosso Jornal. Edição de dezembro de 1941.

UM PASSEIO

• **Maria Lucas** •

Às 8 horas saímos sem destino. O calor era sufocante. Recife é muito quente. Mas São Pedro molhou-nos a partida, para ver se acalmava um pouco o entusiasmo que se notava em todas as feições. Dentro de 15 minutos lá estávamos. Olinda é uma praia muito agradável e onde se nota, a cada passo, a operosidade do ilustre Prefeito de Mauricéa. Muito frequentada nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro, fica diserta durante o inverno. Na praia do Atlântico, divertimo-nos a valer, mas quem não gostou foi São Pedro, e lá vem uma ducha... Às 10 horas principiou a fazer vacuo no estômago. Mas este não teve duração, pois, logo que voltámos para o Patronato satisfazemos as exigencias físicas com a maior prodigalidade.

Nosso Jornal. Edição de 15 de Setembro de 1942.

SAUDADES DA BAÍA

• Alice Correia •

Quantas saudades eu tenho daqueles dias felizes que passei, juntamente com as minhas colegas na Baía. Não me saem da lembrança os deliciosos passeios que realizámos, nos arrabaldes daquela lendária cidade. Naquelas manhãs de rosas era que gozavamos aqueles agradáveis banhos de mar, e tudo isto há de perdurar para sempre em meu consciente. Como alegre me sentía, e naturalmente comigo as minhas colegas, quando via chegar à casa em que nos achavamos hospedadas, o nosso chefe, satisfeito, alegre, às vezes, por termos em um festival realizado de véspera, nos conduzido de maneira aplaudível! Tudo isto para mim foram dias memoráveis que passei na Baía, e que jamais esquecerei. Só mesmo um homem amante da arte e das boas iniciativas, como é o Comendador Gustavo Paiva, podia nos prodigalizar tantos benefícios. Que Deus com a sua infinita bondade cubra-o de muitas e muitas felicidades, pois é tudo quanto de melhor posso almejar ao digno aniversariante de hoje.

Nosso Jornal. Edição de 15 de Setembro de 1942

PENEDO

• Maria Soares •

No dia 16 de abril deste ano, nós da Banda (feminina) fomos a Penedo, terra do Dr Elísio de Carvalho, grande escritor. Ainda sinto o aroma agreste que trescalavam as velhas arvores que os homens pouparam destruir. Porque será que a civilização tanto destrói, sem ao menos respeitar as florestas?

Penedo encantou-me com suas igrejas, à margem esquerda do São Francisco, a 48 quilômetros da foz. As penumbras deliciosas de uma igreja convidavam/ -me à prece. Do alto desciam sons que trilhavam e enchiam sonoros acordes. Duas ou três senhoras em silêncio. A alma pede solidão. O borborinho cansa. Examinei mais detidamente a igreja. Admirei as pinturas e pousei o olhar numa imagem de Maria, talhada em bronze. Que linda imagem! Um trabalho bem-acabado. Depois aproxima- se a figura simpática do Monsenhor Lobo que ia celebrar a missa. Olhei de novo para a imagem de Nossa Senhora e se me afigurou a Virgem como Arraiada de material sorriso. Resei. E sai daquele templo como rejuvenescida para a vida.

Nosso Jornal. Edição de 15 de setembro de 1942.

(Em comemoração ao aniversário de Gustavo Paiva)

A MÚSICA

• Antônia Oliveira •

Já compreendi que a arte mais difícil de se aprender é música. Tenho ouvido ótimas explicações do meu professor e não sei patavina.

No entanto desanimo. O mestre diz, sempre, que ninguém, nunca, aprende música, em pouco tempo; e que já tem 30 anos de música e sabe muito pouco. Mas eu não creio no que ele diz, quando diz que não sabe muito pouco. São modéstias do professor Japiassú.

Si ele não é um Carlos Gomes, não tardará a se-lo. Não é adulação. Ele bem sabe que sou sincera. A melhor hora que passo é quando estou nos ensaios da nossa banda. Quando estou em formatura parece que caminho para o paraíso. Uma noite, o meu pai acordou-se, assustado, ouvindo umas pancadas no meu quarto.

Bateu a porta e eu me despertei. No dia seguinte, comentando o fato, a minha irmã disse que me viu, com dois paus, na mala que servia de tarol. E eu estava sonhando que estava tocando em casa do senhor Gustavo, no dia do seu aniversário natalício. Como é divina a música.

Nosso *Jornal*. Edição de 15 de setembro de 1942.

(Em comemoração ao aniversário de Gustavo Paiva)

MINHA HISTÓRIA

• Magali Fonseca •

Tinha bastante desejo de aprender música, porém muito criança que era, ha um ano, contava apenas 9 anos. Pedia constantemente ao papai para me ingressar na Banda, sempre sua resposta éra esta: "quando você ficar mais forte, eu peço ao maestro japiassú". Até que enfim chegou o dia feliz pra mim: fui estudar as primeiras lições, e com grande força de vontade, cheguei a me fardar para a primeira tocata. Para mim foi a maior satisfação, ter chegado ao ponto visado por mim, dando graças a Deus, aos esforços do meu querido maestro, do meu bom pai, e ao Snr. Comendador Gustavo Paiva, por ser esse homem, que tudo faz pelo desenvolvimento dos seus operários e filhos.

Nosso *Jornal*. Edição de 15 de setembro de 1942.

(Em comemoração ao aniversário de Gustavo Paiva)

VISITA DE SÁBADO

• Minervina França •

É no dia de sábado que nós, mocinhas componentes da Banda Feminina, esperamos ansiosas em nossa sede, a visita do nosso prezado chefe Comendador Gustavo Paiva. O nosso maestro aqui no japiassú, caprichoso como é, aguardava sempre esse dia com algumas novidades: Um “dobrado”, uma “valsa”, ou qualquer especie de músicas novas. Começa o ensaio, minutos depois o chega com o seu gesto bondoso, cumprimenta todos, e senta-se ao lado da mesa do professor, onde palestra, amigavelmente, com o Snr. Osvaldo Florêncio que também é grande admirador da música. Depois do ensaio, ele ajuda, também, na distribuição da nossa gratificação semanal, depois do que regressamos às nossas casas, satisfeitas, e contentes por termos um chefe que tanto nos presa. Por que não devemos estimá-lo, contribuindo com nossos esforços para brilhantismo do seu feliz cinquentenário? Ele é digno das nossas homenagens que são simples, mas partem de corações gratos.

Nosso Jornal. Edição de dezembro de 1943.

(sobre a morte de Gustavo Paiva)

AS MINHAS COLEGAS DA BANDA

• Eunice Correia¹² •

Uma feliz Idéa esta do Comendador Gustavo Paiva, em levar, sempre que fosse possível, a Banda Feminina, em excursão a diversos lugares, com o fim único de instruir as suas componentes e com a generosa intenção de valorisar, lá fora, o campo artístico da nossa querida Alagoas.

Deixa-me bastante tristonha, o seu brusco falecimento. E quantas saudades eu tenho daquelas pitorescas excursões, realizadas no Rio de Janeiro, Pernambuco, Baía e Sergipe!! E com que carinho ele e sua digníssima família nos acompanhavam em todas essas viagens!

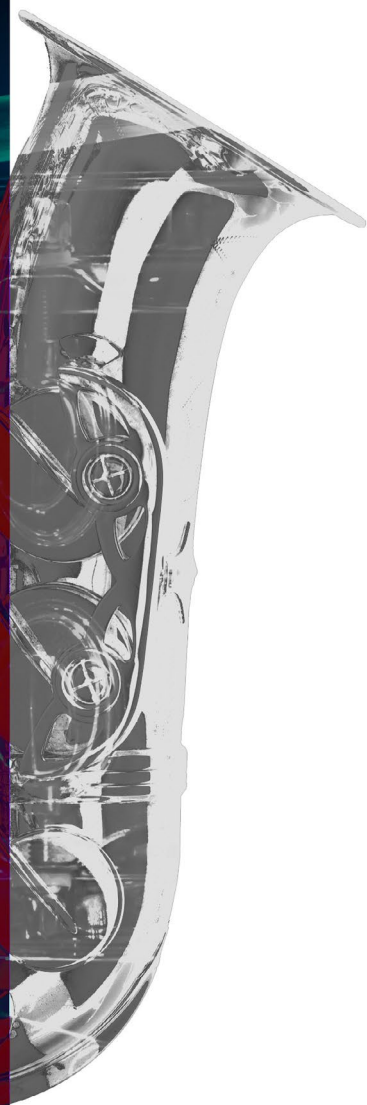
Foram todos aos nossos festivais, onde tivemos oportunidade de representá-los, coroados com êxito. E sem exagero, acredito que tudo isso devemos-lhe porque estava sempre presente a eles para nos incentivar, fazendo com que enfrentássemos com altivez as nossas responsabilidades. Por fim sempre eram cantadas as nossas vitórias.

Agora só nos resta lamentar a sua grande e irreparável falta; mas devemos nos conformar, pois não há outro jeito senão implorar ao criador, que seus continuadores se disponham a seguir e manter toda a sua grandiosa obra.

E a vós minhas distintas colegas um apelo vos quero fazer; nada de desanimo. Devemos continuar com a mesma abnegação de

¹² Eunice Correia do Araújo casou-se em 21 de dezembro de 1944 na cidade de Rio Largo-Alagoas, com Nelson Costa Japiassu, filho do maestro Aquino Japiassu, maestro desta banda relatada nesta série. Passa-se a chamar Eunice Correia Japiassu.

então, integrando com toda a sua imponência este admirável conjunto musical, que era o orgulho e a alegria do Comendador Gustavo Paiva, e que deveis confiar com segurança, no carinho que haveis de merecer dos novos dirigentes da Companhia. Atendei-vos que jamais deverá ser banido dos nossos corações, o afeto e a gratidão para com aquele que tanto soube distinguir-se como nosso maior BENFEITOR.



Nosso Jornal. Edição de dezembro de 1945.

A MÚSICA É TUDO

• de Hilda Lopes •

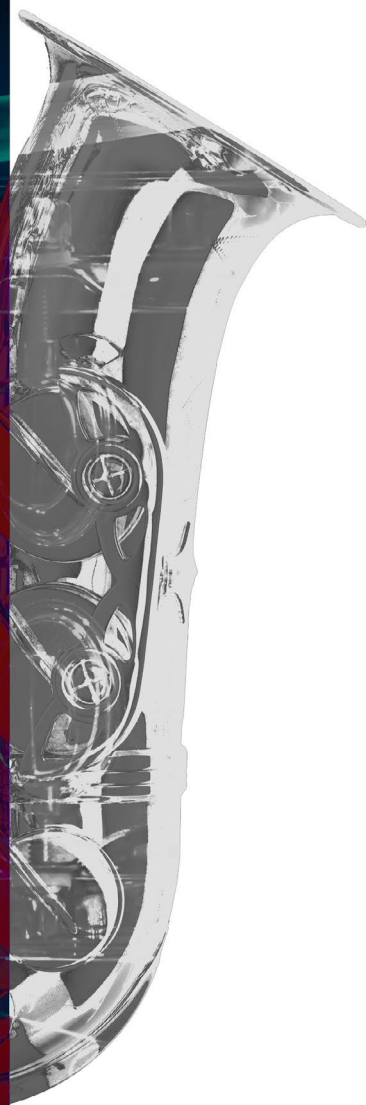
O nosso povo gosta muito de música. Mas ainda não está educado a respeito do que se deve ouvir. Aprecia mais sambas e outros gêneros de música alegre.

A música, como qualquer outra manifestação artística, sofre a decisiva influência do meio. A música de hoje é, pois, muito diferente da música mais antiga.

Quando um povo muda de hábito, passa a viver uma vida mais rápida e tudo é feito de uma forma mais curta, inclusive a música.

A música de hoje sai mais da imaginação do que do coração; é uma música mais refletida, som ritmo e harmonia novos. A melodia pura já não existe hoje.

A boa música depende do bom compositor. Sendo a sociedade dominada por um ambiente mecânico, é natural que aconteça o mesmo com a música. Finalmente, a música é tudo. Inebria os corações e os ouvidos da gente. Quem não gosta de música? Se vem de Deus só pode ser útil.



Nosso Jornal. Edição de dezembro de 1945.

UM PASSADO

• de Edite Soares •

Logo depois que foi fundada a Jazz-band feminina, o nosso nunca esquecido chefe Comendador Gustavo Paiva, com sua bondade incomparável, tratou logo de amparar com um emprego escolhido todas as componentes da Jazz, principalmente aquelas que terminaram o curso primário.

Eu, felizmente, fui uma delas.

Jamais sairá da minha memória este tão grande benefício recebido, esta tão grande proteção. Não fui eu que me dirigi ao bondoso chefe para lembrar-lhe que também precisava de uma colocação. Sinto-me orgulhosa de dizer que foi o professor Japiassú, mestre interessado pelos seus discípulos, o mestre que se sacrifica pela felicidade dos seus alunos.

Muito embora com minhas fracas expressões, mas, não devo e nem é possível deixar de enaltecer suas grandes qualidades. Já havia três ou quatro das minhas coleguinhas empregadas, não havia razão para eu ficar triste por isso, pois tinha quem velasse também por mim. E um dia pela manhã dia este que o Comendador Gustavo Paiva achava-se no escritório da Progresso, eu passava para ir ao Cassino requisitar um livro, quando no momento saía do escritório o professor Japiassú. Fiquei surpreendida. Ele, com seu ar bondoso de sempre, aproximou-se de mim e disse: você também vai auxiliar no Grupo Escolar da Companhia. Quanto me fizeram estas delicadas palavras. E uma semana depois fui assumir o cargo que me foi confiado. E já seis anos são decorridos. Tudo passou bem.

Eu satisfeítissima por ser uma humilde auxiliar de professora e também uma musicista. Mas não há bem que sempre dure. Uma nuvem de desgosto veio toldar toda a nossa felicidade. Desapareceu, não do coração, o protetor e amigo. Hoje sou noiva, tenho que deixar este convívio inesquecível e cheios de saudades. Irei por certo assumir uma vida cheia de responsabilidade junto a criatura querida que tanto esperei ansiosamente.

Grupo Orfeônico no Grupo Escolar Gustavo Paiva em Rio Largo no ano de 1945.



CORAL FEMININO

Fonte: Rio Largo Cidade Operária, Paiva, Filho (2013).

A blue-tinted photograph of a saxophone and a drumstick, overlaid with a large white number '4'. The saxophone is on the left, and the drumstick is in the center. The background is a blurred image of a drum set.

4

**NOTAS
DO MAESTRO
AQUINO COSTA
JAPIASSU**

Nosso Jornal. Edição de dezembro de 1941.

O QUE OBSERVEI

Na excursão a Recife e Baía

• Aquino Japiassú •

A BANDA FEMININA é o orgulho do patrão amigo, de um “GECA” que a dirige tecnicamente, por força do valor artístico que está adquirindo, há de ser sem favor, o orgulho do nosso povo.

Estas mocinhas que tem sido um exemplo de capacidade, de abnegação e de disciplina, hão de ter o valor que merecem. Elas não podem ficar no esquecimento ou no indiferentismo, a mercê dos inimigos das nobres iniciativas, não; elas hão de prevalecer, e hão de vencer. Esta é a minha previsão.

Na última excursão que fizemos a Recife e Baía, tive a mais grata satisfação em ver estas pequeninas artistas em que tenho a honra de dirigir, desempenhar, ao meu contento, a tarefa que me foi confiada; quer na organização musical, quer na parte orfeônica.

Nos dois concertos realizados no Teatro Santa Isabel, notava-se que a assistência estava surpreendida com o que estava se passando naquele momento.

Ela delirava de entusiasmo. Notava-se que os aplausos que saiam daquela gente, eram sinceros. E isto me satisfez muito, apesar de não ser grande a assistência. As palavras elogiosas e encorajadoras que nos foram dirigidas pessoalmente pelos DD Maestros: Vicente Fittipaldi, Manoel Augusto, Caparrós, e dr. Valdemar Oliveira, me excitaram ainda mais a continuar sem desfalecimento, a tarefa árdua que me foi confiada.

E Deus permitir que hei de chegar ao pináculo da minha missão.

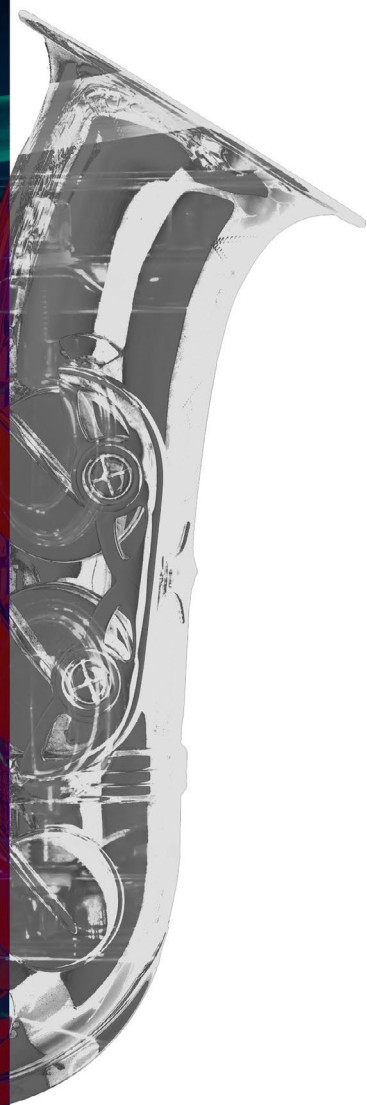
Em Baía realizamos nove concertos duas retretas. Em todas estas tocatas, as meninas mostraram-se senhoras da situação. Admirou-me ver tanta fleugma naquelas creaturinhas!..

Ali o entusiasmo do povo foi muito maior do que em Recife. Em muitas ocasiões tive que me encher de orgulho, tive que me emocionar ao ponto de quasi chorar, por causa dos aplausos espontâneos e estrondosos, saídos da multidão, isto em toda parte que passávamos.

No entanto, nota-se claramente em nosso povo, a falta de gosto ou compreensão pelas coisas sérias. Avalie-se o delírio do povo quando tovacamos um Samba, um Fox, um Frevo, no entretanto uma peça de harmonia, era recebida friamente. São preciosos ainda muitos anos de esforços e teimosia, dos que tem a árdua tarefa de educar, para o nosso povo chegar uma pequena compressão do que sejam as coisas de arte e aplaudi-las.

Muito me impressionaram as palavras dirigidas as meninas da Banda pela escritora Senhorita Amelia de Carvalho, na ocasião de fazermos a despedida a família Almiro Fernandes.

As suas palavras, cheias de sentimentos, de sinceridade e de máximo proveito para todos nós que ali nos achávamos, foram de ecoar bem alto no íntimo de meu coração, tive vontade de chorar. E por que não dizer? Chorei. E assim terminávamos o último dia de uma feliz excursão.



Nosso *Jornal*. Edição de 15 de setembro de 1942

(Em comemoração ao aniversário de Gustavo Paiva)

FATOS E NÃO PALAVRAS

• Aquino Japiassú •

Foi em 1926, que o Comendador Gustavo Paiva a pedido de um pequeno grupo de entusiastas e abnegados amantes da música, esta arte sublime e divina, que fala de perto ao coração e que muito nos aproxima de Deus, criou a Banda de Música da Companhia de Fiação e Tecidos que hoje é crismada, pelo povo alagoano, de "MÚSICA DE CACHOEIRA". Dentro os que formaram o grupo achavam-se Antonio de Melo e João Borges, a quem não posso deixar de reconhecer o interesse que tiveram em me aproximar do dinâmico Diretor Presidente, para assumir a direção da respectiva Banda, em virtude do afastamento do Professor Agerico Lins, de saudosa memória. Do seu início até a data presente, citada Banda de que ainda tenho a honra de ser seu dirigente, não teve um só momento de desfalecimento na sua organização; ao contrário, teve sempre razões de sobra para evoluir, uma vez que sempre recebe da direção da Companhia os maiores incentivos possíveis.

Quanto a banda feminina, que muito nos deve orgulhar pela sua originalidade, brilhantismo e êxito que tem alcançado em todos os meios que vem se apresentando, quer por dentro, quer por fora do nosso Estado, é mais uma feliz ideia e criação deste que não perde tempo e nem mede sacrifício para por em ação tudo que seja utilitário. Não se pode negar que são raríssimos homens de visão tão larga, como o do aniversariante de hoje.

Assim todos os que compõem as duas Bandas de música da Companhia: Masculina e Feminina, por meu intermédio, aproveitam a feliz data de hoje, para felicitar o digno aniversariante e ao mesmo tempo agradecer-lhe a dedicação sempre continua a ter por estes dois conjuntos.

Nosso Jornal. Edição de dezembro de 1947.

INGRATIDÃO

As componentes da Banda Feminina

• de Aquino Japiassú •

Ingratidão é um atributo daqueles que não sabem ou não querem sentir dentro do coração, a magnanimidade de um Deus cheio de bondade, carinho e justiça. Aquele sabe sentir no seu Eu uma centelha de amor, não pode, por hipótese alguma, praticar ato que venha perturbar a sua própria consciência; porque quem está com amor, está imperativamente com Deus, tornando-se, assim, impossível, a uma pessoa em condições tais, de praticar um ato por pequeno que seja, de ingratidão.

Os orgulhosos, os ímpios e os maus filhos, os maus pais, os maus companheiros, não podem por consideração alguma, guardar em seu íntimo, nenhuma parcela, por mais íntima que nos pareça, de reconhecimento aquele que lhes proporcionou alguma coisa de agradável, mesmo porque, no coração desses, só pode existir a maldade e o amor superficial. A dor de uma ingratidão é que mais se aprofunda na nossa alma, porque ela sempre parte das pessoas a quem depositamos quase sempre, as nossas confianças e as nossas considerações. Mas temos, imperiosamente que nos conformar mesmo porque a humanidade é assim mesmo; mas pelo menos, podemos trilhar por um caminho adverso aquele, evitando assim de aumentar as fileiras dos inconscientes e ingratos. A gratidão é tão sublime que tem como finalidade conduzir seu praticante, ao mais alto grau de aprimoramento espiritual. E que paraíso não será o nosso planeta, quando os seus habitantes reconhecerem esta verdade!...

Não nos é permitido afastarmos do sacrifício uma vez que ele é um dos caminhos que nos conduz ao aperfeiçoamento. Quando

a gratidão é um dos efeitos desse sacrifício, se acha acrisolado em nossos corações, podemos dizer com segurança que nos achamos com um grau bem acentuado de perfeição espiritual. E a vós, também, ex-musicistas quero dedicar essas insossas considerações.

Lembra-vos que a verdade prevalece em todos os tempos; e a gratidão não é outra coisa sinão, a concretização desta mesma verdade, porque, quem sabe ser grato sabe ser bom e justo. NÃO SE ESQUEÇAIS NUNCA QUE A GRATIDÃO É UM PREDICADO DOS CORAÇÕES BEM FORMADOS.

Banda feminina em frente ao Palácio dos Bandeirantes na década de 1950.



Fonte: Arquivo de Arnaldo Paiva Filho.

EPÍLOGO

LEITURA DO NOSSO JORNAL: NOTAS DE UMA PESQUISA CONJUNTA¹³

Ana Greyce Moraes Pereira

Professora, Mestra em História e
Pesquisadora de Bandas de Música

O interesse pelo tema e a inclusão deste recorte textual da minha dissertação, neste projeto de *Tramas e Teares Sonoros de Alagoas*, surgiu de uma análise sobre bandas e fábricas realizada pelo grupo de pesquisa “Metodologia Concepção Social do Ensino Coletivo Instrumental”, do Curso de Música- UFAL, hoje denominado Centro de Musicologia de Penedo (Cemupe), coordenado pelo Prof. Dr. Marcos dos Santos Moreira, do qual fiz parte como colaboradora. Realizando pesquisas voltadas ao estudo sobre a história das bandas de música e a participação de mulheres nos referidos grupos musicais. Ao longo da pesquisa, foi identificada a existência de uma banda de música feminina composta apenas por jovens operárias, filhas de operários/as, fundada pela Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos - CAFT, na cidade de Rio Largo - Alagoas, precisamente no ano de 1936. Após alguns meses de pesquisas, coletas de dados e estudos, o trabalho resultou em uma aprovação no *II congresso de História do Movimento Operário e dos movimentos sociais* na Universidade Nova Lisboa, em Portugal, no ano de 2015, o que despertou entre os/as coordenadores do grupo

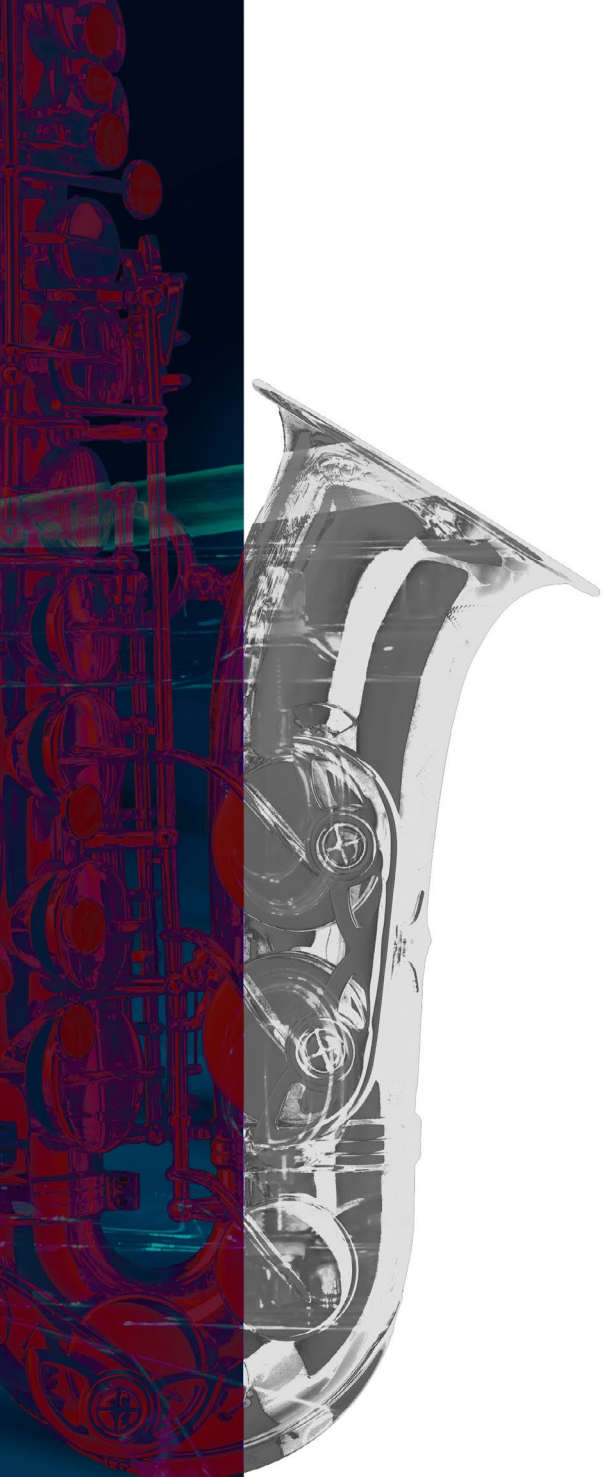
¹³ Recorte deste capítulo baseado no texto original da Dissertação *Trabalho e experiências femininas na CAFT: uma perspectiva de gênero Rio Largo Alagoas (1940-1960)*, defendida pela autora em 2020 no PPGH-Programa de Pós-graduação em História, sob orientação do Professor Dr. Elias Veras, da Universidade Federal de Alagoas.

de trabalho e dos/as participantes do evento a curiosidade sobre a temática, abrindo a possibilidade de uma ampliação dessa pesquisa. Não satisfeita apenas com a pesquisa voltada às bandas de música, a inquietude como pesquisadora e historiadora fez-me caminhar para além da temática inicialmente proposta, baseada na premissa de investigar o que foi a Companhia Alagoana - CAFT, quem eram essas mulheres operárias, quais as atividades que elas desempenhavam na fábrica e quais eram suas relações com o trabalho.

No entanto, verifiquei, na historiografia alagoana, que não havia trabalhos voltados especificamente sobre o trabalho feminino nas indústrias têxteis em Alagoas, e, embora já houvesse uma gama de trabalhos científicos que abordam vários assuntos sobre as indústrias têxteis e algumas menções sobre as mulheres, esse fato levou-me a pensar na possibilidade de desenvolver e problematizar a temática do universo do trabalho feminino nas indústrias têxteis, em especial na cidade de Rio Largo.

A escolha do *NJ* como uma das fontes deste trabalho deu-se justamente pelo fato de ele ser de propriedade da CAFT – lugar do objeto de pesquisa. Além disso, outro fator que contribuiu e despertou o interesse pela fonte foi a presença significativa de muitas jovens operárias como principais redatoras do periódico, as quais deixaram seus depoimentos, mesmo que de forma a exaltar a figura do patronato e das fábricas, evidenciando que tinham um pequeno espaço reservado para relatarem um pouco das suas experiências de vida, do trabalho e das atividades escolares e artísticas que elas desempenhavam na Companhia.

As unidades de cultura e lazer da CAFT passavam a regular o ritmo da vida cotidiana de seus/suas operários/as e de seus/suas filhos/as além da fábrica, o que se caracterizava muito por um viés socioeducativo e disciplinar de instituir novos hábitos de vida regrados. Isso deveria ser seguido como padrão de comportamento e adotado por toda a população operária, fosse ela parte integrante

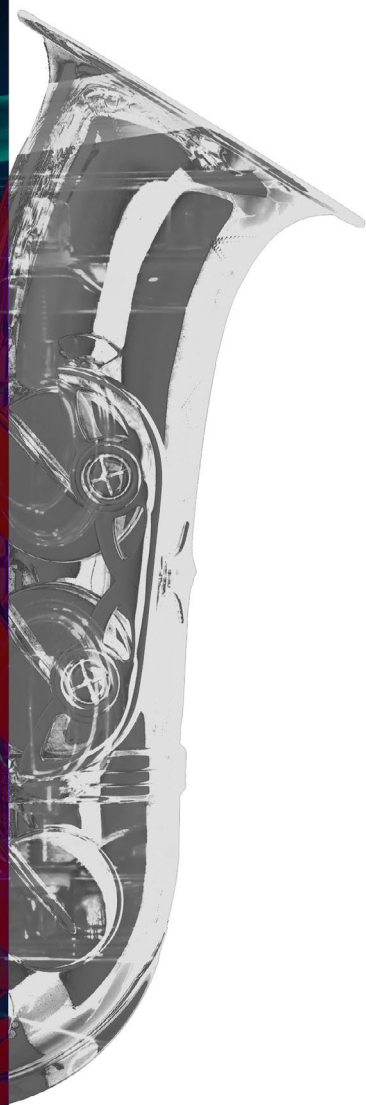


de grupos artísticos, educacionais e esportivos, ou expectadoras das manifestações promovidas pela Companhia, nas quais deveriam participar em sua totalidade. O *Nosso Jornal*, fundado no ano de 1938 sob a gestão do industrial Gustavo Paiva, foi o principal veículo de comunicação da Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos - CAFT e perdurou ao longo da década de 1950. A tipografia fabril foi construída no processo de ampliação da vila operária no início dos anos de 1940 e encontrava-se situada no prédio localizado na parte central da Vila Operária em Rio Largo. O *NJ* teve como seu primeiro diretor-chefe e organizador João Ferreira da Rocha, que também exercia o cargo de diretor e professor do grupo escolar da CAFT. Com produção mensal, o *NJ* tinha como principais redatores/as jovens operários/as, alunos/as (em sua maioria meninas), que trabalhavam redigindo artigos e informes dos mais variados assuntos do cotidiano das ações fabris. Tal responsabilidade, realizada pelos/as alunos/as, fazia parte, segundo a Cia. Alagoana, das atividades pedagógicas curriculares do grupo escolar da Companhia. Nesse sentido, de forma pretenciosa, o *NJ* exercia a função de informar e destacar as realizações, de maneira elogiosa, da gestão administrativa da fábrica, assim como atividades educacionais, religiosa, sociocultural e artística realizada pelos funcionários, operários e filhos dos operários da Companhia Alagoana. Havia, também, artigos de variados jornais da grande imprensa republicados pelo *NJ* quando se tratava de assuntos relativos à CAFT, cujas tiragens limitavam-se à cidade de Rio Largo.

Podemos compreender que os/as operários/as faziam parte de vários grupos, fossem eles esportivos e/ou artísticos- culturais na CAFT, e estiveram enquadrados em determinadas regras impostas pelas fábricas, bem como um papel fundamental nas relações socioculturais promovidas na Vila operária de Rio Largo. Como parte fundamental desse contexto, os operários acabavam por transmitir as suas próprias subjetividades ao desempenharem as produções e ao se apresentarem como protagonistas nas peças teatrais e nas

apresentações musicais através do seu de interpretar, modo de falar, de andar, de cantar, de tocar, de se expressar nas mais variadas linguagens, transmitindo elementos de sua própria identidade, o que não escaparia da realidade impositiva às quais eram submetidos no contexto que estavam inseridos. Assim, desenvolviam uma cultura operária no cenário social e cultural da Vila operária de Rio Largo.

Acreditamos assim que este recorte possa nos levar a uma era romantizada da CAFT baseado nestes núcleos artísticos de forma a contextualizar com mais precisão um pensamento de época que nos possibilitou a visualizar o imaginário deste escopo operário feminino nas suas atividades artísticas das Alagoas dos anos de 1940.



SOBRE O AUTOR



Marcos Moreira

É Licenciado, Mestre e Doutor em Educação Musical pela Universidade Federal da Bahia e Especialista em Gestão Escolar pela Faculdade Montenegro. Em Alagoas é Professor da Universidade Federal de Alagoas desde 2008. É autor de vários livros e artigos científicos sobre temas relacionados à Educação Musical e Musicologia. Dentre estes temas destacam-se as mulheres e bandas de música; o ensino e gestão de projetos musicais comunitários, entre outros.

É responsável pelo arquivo musical e biográfico do maestro pernambucano, radicado em Alagoas, Aquino Costa Japiassú. Atualmente é Diretor artístico do Festival de Música de Penedo-Alagoas onde também coordena o CEMUPE- Centro de Musicologia de Penedo, registrado no CNPq e vinculado a Secretaria de Cultura do município e Universidade Federal de Alagoas.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. *Memória & sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo, SP: T.A. Editor, 1979.

BOURDIEU, Pierre. *A Ilusão biográfica*. In: *Razões práticas: Sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

LE GOFF, Jaques, *História e Memória*- 5 ed. Campinas, SP: Unicamp, 2003.

MONTEIRO, Lorena M. *Prosopografia de grupos sociais, políticos situados historicamente: Método ou técnica de pesquisa?* Revista Pensamento Plural, v. 4, p. 11-21, Pelotas-RS, 2014.

MOREIRA, Marcos.; PAIVA FILHO, et. al. *Japiassu: O Maestro dos Teares*, Série: Mestres musicais de Alagoas, vol.1, PUBLIT, Rio de Janeiro. 2018.

MOREIRA, Marcos; JPMB: *Qualificação da performance no contexto da educação musical comunitária em cidades interioranas de Alagoas*. Revista Orfeu, vol. 5, EDUSC, Santa Catarina, 2020.

MOREIRA, Marcos; PEREIRA, A.G.M. *Memórias e identidade feminina: a história Luso-Brasileira da Banda de Música no ciclo Operário em Rio Largo Alagoas - Brasil*. In: *II Congresso de História do Movimento Operário e dos movimentos sociais em Portugal*. Universidade Nova Lisboa. Lisboa: FSCH, 2015.

MOREIRA, Marcos. *Mulheres nas bandas de música: uma visão do Nordeste do Brasil e do norte de Portugal*. Rio de Janeiro: Publit, 2017.

MORAES PEREIRA, Ana G. *Trabalho e experiências femininas na CAFT: uma perspectiva de gênero Rio Largo Alagoas (1940-1960)*, PPGH- Programa de Pós-graduação em História- Universidade Federal de Alagoas, 2020.

NORA, Pierre. *Entre a Memória e História. A Problemática dos lugares*. Tradução Yara Aun Khoury- História- PUC, São Paulo, 1993.

NOSSO JORNAL; *Notas-Periódicos diversos*, Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos, Alagoas; 1941-1947.

PAIVA FILHO, A. *Rio Largo: Cidade Operária*. Maceió: SENAI/AL, 2013.

RODRIGUES, J.P. *Diálogos entre História e Memória: a construção de um campo interdisciplinar de estudos*. In SILVA, Vicentino R. N. et al. *História: Diálogos e paradigmas*. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2013.

SILVEIRA, Éder da Silva, *História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico*. Revista Méteis: História e Cultura. v.6, n.12, p.35-44, jul/deze, 2007.

TRAMONTINA, Leonardo Salomon S. *A apropriação dos discursos da New Musicology por três didáticas norte-americanas de ensino de história da música*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: cola de Comunicações e artes, Universidade de São Paulo, 2011.



DOCUMENTOS AVULSOS

Álbun de fotografias da família Japiassu. (Rio de Janeiro). Sem Data.

Registro Civil- Certidão de Casamento de Eunice Correia e Araújo e Nelson Costa Japiassu, Tabelionato de Notas- 13º Ofício-Rio Largo-Alagoas, 1944.

NOSSO JORNAL- Partes avulsas- Formato PDF, 1941-1947- Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos- Rio Largo Alagoas. Coleção particular de Tânia Japiassu. Maceió-Alagoas. Sem Data.



ÍNDICE REMISSIVO

B

bandas 86, 87, 90, 91

C

CAFT 17, 18, 24, 86, 87, 88, 89, 91

CEMUPE 14, 15, 21, 24, 25, 90

CNPq 21, 90

E

Editorial 16, 36, 51, 92

Educação Musical 14, 90

experiências 19, 24, 31, 86, 87, 91

F

Feminina 39, 46, 50, 64, 74, 75, 83, 84

J

jovens 19, 36, 43, 86, 87, 88

JPMB 14, 21, 26, 91

M

maestro 18, 19, 22, 23, 35, 36, 37, 73, 74,
75, 90

movimento 15, 31, 32

Música 14, 15, 21, 25, 35, 39, 61, 83, 86,
90, 91

musicista 23, 79

Musicologia 14, 15, 21, 86, 90

N

nordestina 19, 24, 45

Nosso Jornal 19, 23, 25, 26, 36, 51, 54, 55,
56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 66, 67, 68,
69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 81, 83,
84, 86, 88

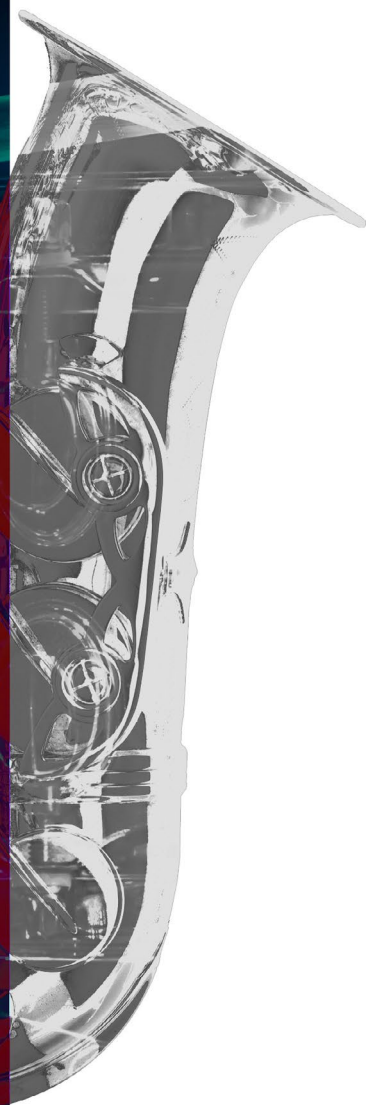
O

operários 17, 18, 19, 24, 30, 32, 37, 38, 43,
44, 45, 73, 86, 87, 88

V

valorização 15, 17

Vila operária 61, 88, 89



Marcos Moreira

volume 2

Tramas e teares sonoros

O diário da Banda Feminina de 1936



SÉRIE MESTRES MÚSICAIS DE ALAGOAS

www.pimentacultural.com

CENTRO DE
MUSICOLOGIA DE
PENEDO

pimenta
cultural